

ELAINE RIBEIRO DE PAULA

**A PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA E SEU SIGNIFICADO ENTRE
OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS QUE A VIVENCIARAM.**

**FRANCA
2007**

ELAINE RIBEIRO DE PAULA

**A PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA E SEU SIGNIFICADO ENTRE
OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS QUE A VIVENCIARAM.**

Dissertação apresentada à Universidade de Franca, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Tedeschi Cano.

**FRANCA
2007**

Catálogo na fonte – Biblioteca Central da Universidade de Franca

Paula, Elaine Ribeiro de.

A paternidade na adolescência e seu significado entre os jovens universitários que a vivenciaram. Franca: SP, 2007.

Orientadora: Maria Aparecida Tedeschi Cano.

Dissertação de Mestrado – Universidade de Franca.

Programa de Pós-Graduação em Promoção de Saúde.

Anexos.

1. Adolescência 2. Gravidez na Adolescência 3. Paternidade na adolescência 4. família.

I. Universidade de Franca. II. Título.

ELAINE RIBEIRO DE PAULA

**A PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA E SEU SIGNIFICADO ENTRE
OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS QUE A VIVENCIARAM.**

Dissertação apresentada á Universidade
de Franca , como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida
Tedeschi Cano.

**FRANCA
2007**

ELAINE RIBEIRO DE PAULA

A PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA E SEU SIGNIFICADO ENTRE
OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS QUE A VIVENCIARAM.

COMISSÃO JULGADORA DO PROGRAMA DE MESTRADO EM PROMOÇÃO DE
SAÚDE

Presidente : _____

Nome : Profa. Dra. Maria Aparecida Tedeschi Cano.
Instituição : Universidade de Franca

Titular 1 _____

Nome : Profa. Dra. Cléria Maria Lobo Bittar Pucci Bueno.
Instituição: Universidade de Franca

Titular 2: _____

Nome : Profa: Dra: Marta Angélica Iossi Silva.
Instituição : Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP

Franca , ____/____/____.

DEDICO este trabalho a meus pais que me deram o maravilhoso dom da vida, bons exemplos, valores e acima de tudo a herança genética da obstinação para lutar e mudar meu destino.

Dedico também a minha avó paterna, que sempre lutou incansavelmente sem jamais desistir de seus objetivos, embora a vida lhe fizesse dobrar, ela jamais se quebrava e tinha sempre um sorriso lindo no rosto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu forças extraordinárias para prosseguir quando minhas forças estavam exauridas, pois sua presença tornou muito mais, fácil a caminhada;

À minha orientadora Profa. Dra. Maria Aparecida Tedeschi Cano pela paciência, imensa sabedoria, humildade, gentileza e dedicação extraordinárias devotadas para realização deste trabalho, meu muito obrigada de coração...

Aos meus companheiros de viagem, Alexandre, Milce, Marilene, Isa, Maria Lúcia, Leonor que sempre tinham palavras incentivadoras e coragem a compartilhar.

Ao meu aluno do curso de graduação em Enfermagem Abdias, pela versão do resumo deste trabalho para o inglês.

A minha sobrinha Letícia que pacientemente realizou a formatação deste trabalho.

Aos jovens que se propuseram a colaborar com este estudo, pela sua disponibilidade, e boa vontade.

"A coisa mais importante que os pais podem ensinar a suas crianças é como ir em frente sem eles". (Frank A. Clark).

RESUMO

PAULA, R, de Elaine. **A paternidade na adolescência e seu significado entre os jovens universitários que a vivenciaram**. 2007. Dissertação (Mestrado em Saúde) – Universidade de Franca, São Paulo.

Adolescência, do latim *adolescere* (crescer) é uma fase da vida que pode ser definida em sua dimensão psicobiológica, histórica, política, econômica, social e cultural. Esta experiência sexual precoce vem juntamente com o uso esporádico do contraceptivo, nas primeiras e nas subseqüentes relações sexuais, tendo como conseqüências a gravidez, as DSTs, e a paternidade (GUIMARÃES, 2001).

Há anos a gravidez na adolescência vem ocupando o cotidiano dos profissionais da saúde, ela é estudada em todos os seus aspectos, da etiologia à prevenção, mas normalmente é relacionada à adolescente grávida, deixando de lado seu parceiro, que pode ser também adolescente. A paternidade adolescente permanece praticamente inexplorada no meio científico, em geral, e socialmente pouco abordada (CORRÊIA, 2005). Portanto, estudos em torno desta temática são importantes para conhecermos este fenômeno, visando, auxiliar os jovens a prevenir-se desta paternidade, ou se esta ocorrer oferecer subsídios para seu enfrentamento.

Palavras-Chave: Adolescência, Gravidez na Adolescência, Paternidade na Adolescência, Família.

ABSTRACT

PAULA, R, de Elaine. **A paternidade na adolescência e seu significado entre os jovens universitários que a vivenciaram.** 2007. Dissertação (Mestrado em Saúde) – Universidade de Franca, São Paulo.

Adolescence, from Latin *adolescere* (to grow up), is a stage of life that may be defined in your psychobiologic, historic, politic, economic, social and cultural dimension. This precocious sexual experience appears with a reduced utilizing of contraception methods, on the firsts and on the subsequent sexual relations, having as consequences the pregnancy. There many years ago the adolescent pregnancy comes occupying the daily of the health professionals, it's studied in all of yours aspects, from etiology to the prevention, but, usually is related to the pregnant teenage, forgetting that yours partner could be a teenage too. According to Correia (2005) the adolescence fatherhood remains practically unexplored on the scientific area, in general, is socially less approached. Therefore studies around this thematic are important to know about this phenomenon, aiming to assist the young on prevention of the precocious or not wished fatherhood.

Key words: Adolescence, adolescent pregnancy, fatherhood, adolescent fatherhood, family.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PRESSUPOSTO	17
OBJETIVO GERAL.....	17
OBJETIVO ESPECIFICVO.....	17
JUSTIFICATIVA.....	17
REVISÃO DA LITERATURA	20
ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE.....	20
VULNERABILIDADE NA ADOLESCÊNCIA.....	27
A FAMÍLIA.....	36
PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA.....	41
METODOLOGIA	52
REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	52
CAMPO DE INVESTIGAÇÃO.....	54
SUJEITOS DA PESQUISA.....	55
COLETA DE DADOS.....	56
ANÁLISE DOS DADOS.....	56
RESULTADOS E DISCUSSÃO	57
ENTRE O CHOQUE E O AFETO.....	57
ORIENTAÇÃO SEXUAL E CONTRACEPÇÃO.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ANEXOS	82

INTRODUÇÃO

A adolescência é a trajetória do indivíduo em transição, é neste período de vida que ocorrem grandes transformações, de ordem biopsicosocial, podemos perceber que ao lado de importantes mudanças corporais ligadas ao crescimento e a maturação sexual, destacam-se aquelas que envolvem o desenvolvimento propriamente dito (SAITO, 2001).

De acordo com a OMS, (1975, p. 523), a adolescência corresponde a um período em que:

- a) “o indivíduo passa do ponto do aparecimento inicial dos caracteres sexuais secundários para maturidade sexual”;
- b) “os processos psicológicos do indivíduo e as formas de identificação evoluem da fase infantil para a adulta”;
- c) “a transição do estado de dependência econômica total passa a outro de relativa independência”.

A Organização Mundial de Saúde também faz uma abordagem cronológica delimitando adolescência como o período de vida que vai dos 10 anos até os 19 anos, 11 meses e 29 dias.

Na adolescência ocorrem três fenômenos importantes do desenvolvimento humano: a puberdade, com o amadurecimento sexual e reprodutor, a passagem da infância para a vida adulta e a estruturação de uma identidade definida.

A adolescência é uma fase de transição gradual entre a infância e o tornar-se adulto, que se caracteriza por profundas transformações somáticas, psicológicas e sociais (COLLI, 2003).

As modificações físicas constituem a parte da adolescência denominada puberdade, caracterizada principalmente pela aceleração e desaceleração do crescimento físico, mudança da composição corporal, eclosão hormonal, e evolução

da maturação sexual, que pode ser acompanhada através do desenvolvimento de caracteres sexuais secundários masculinos e femininos (SAITO , 2001).

Evoluem paralelamente às mudanças corporais aquelas de ordem psico-emocional, que foram por Knobel e Aberastury (1981), reunidas na Síndrome da Adolescência Normal.

Constituem características importantes dessa síndrome, a busca da identidade, a tendência grupal, o desenvolvimento do pensamento conceitual, a vivência temporal singular, a evolução da sexualidade, havendo, por vezes, um descompasso entre o corpo pronto para reprodução e o psíquico despreparado para esse evento.

O adolescente, na inquietude de conhecer a vida, vê o mundo multiplicado na sua dimensão, seus sonhos e suas fantasias refletem um universo imenso e eterno, a sua busca do equilíbrio entre o real e o imaginário é uma das tarefas mais importantes desta fase do ciclo evolutivo vital (WAGNER, MEZA, 1997).

A partir do ponto de vista psicológico, o adolescente passa por desequilíbrios e instabilidades extremas, em nosso meio cultural, mostra períodos de relação, de introversão, alternando com audácia, timidez, descoordenação, urgência, desinteresse ou apatia, que se sucedem ou são concomitantes com conflitos afetivos, crises religiosas, nas quais se pode oscilar do ateísmo anárquico ao misticismo fervoroso, intelectualizações e postulações filosóficas, ascetismo, condutas sexuais dirigidas para o heteroerotismo e até a homossexualidade ocasional (FAUSTINI, 2003).

No ponto de vista social, a adolescência corresponde a um período da vida, no qual o indivíduo perde direitos e privilégios de criança e começa a assumir direitos e responsabilidades de adulto (COLI, 1994).

Características do comportamento, presentes em maior ou menor grau, tais como o gosto pela aventura, a sensação de que nada vai atingi-lo e a impulsividade, tornam o jovem mais propenso a comportamentos considerados por especialistas como auto-destrutivos, ou inseqüentes como gravidez, maternidade e paternidade precoces (CARSSOLA , 1984).

Os adolescentes desejam conhecer e experimentar tudo, e tem uma pressa pela vida, cada momento é essencial, eles se expõem a situações que lhes tragam gratificação imediata, e o sexo é vislumbrado pela maioria como algo mágico, poderoso, fascinante e acima de tudo como uma forma de se obter o prazer total,

então eles vão em busca deste desejo pelo prazer e iniciam cada vez mais cedo suas experiências sexuais.

A experiência sexual dos adolescentes é caracterizada em todo mundo, mesmo nas sociedades mais rígidas, por um início cada vez, mais precoce e freqüentemente pré-marital (GUIMARÃES, 2001).

Pesquisas apontam que a atividade sexual tem se iniciado cada vez mais cedo, a desinformação (referente a ignorância da fisiologia da reprodução e das conseqüências das relações sexuais por parte de muitas adolescentes) e a falta de garantias psicológicas e sociais têm exposto o adolescente a riscos de saúde, envolvendo a anticoncepção e a concepção, a gravidez precoce é uma preocupação em vários países, e também no Brasil (Adolescência e Saúde, 1994).

Esta experiência sexual precoce vem juntamente com uma utilização reduzida de contracepção, nas primeiras e nas subseqüentes relações sexuais, tendo como conseqüências a gravidez, maternidade e paternidade prematuras (GUIMARÃES, 2001).

Os adolescentes são fascinados pela aventura, pois esta representa um desafio a ser enfrentado; os jovens acham-se capazes de enfrentar qualquer situação e sempre se vem como vencedores em potencial, ignoram os riscos que tal atitude pode acarretar, e dentre estes riscos destacam-se a maternidade e paternidade precoce.

Os adolescentes ancoram-se no chamado pensamento onipotente que lhes permite enfrentar os medos diante do desconhecido, as incertezas, o descontrole sobre as transformações físicas pelas quais passam. Eles enfrentam o mundo e acham que tem controle de tudo e nada de mal pode lhes acontecer. Confiantes desta fábula para enfrentar a realidade, freqüentemente não vinculam a prática sexual com a possibilidade da gravidez indesejada (PAIVA, 1998).

A Organização Pan-Americana de Saúde – OPS (1992. p 56), afirma :

“quando uma jovem engravida, a noticia é recebida com evidente desgosto por seu companheiro, sua família, pelas pessoas do seu meio social, não havendo informações de que a maternidade na adolescência seja bem recebida em nenhum grupo da maioria das sociedades atuais”.

Para todas as sociedades a gravidez na adolescência, surge como evento precoce e inoportuno, que compromete a perspectiva de se alcançar à promoção de saúde integral dos jovens (SILVA e PEREIRA, 2006).

Paternidade na Adolescência

Há anos a gravidez na adolescência vem ocupando o cotidiano dos profissionais da saúde, ela é estudada em todos os seus aspectos, da etiologia à prevenção, mas normalmente é relacionada a adolescente grávida, deixando de lado seu parceiro, que na maioria das vezes também é adolescente.

Ao se pensar em gravidez na adolescente, e as intervenções a ela dirigidas, não se deve descartar o fato de que parte dos parceiros das mães adolescentes é adolescente também (MENANDRO e TRINDADE, 2002).

Em levantamento do CAISM (Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher), da UNICAMP, detectou-se que 13% dos parceiros das adolescentes tinham entre 14 e 16 anos e 22,5% entre 18 a 19 anos, portanto, quase 40% dos parceiros das adolescentes desse grupo estudado, eram também adolescentes, confirmando as observações informais.

A partir destes dados é importantíssimo um olhar diferenciado focalizando o pai adolescente e investigando o impacto desta paternidade precoce, e fazendo alguns questionamentos.

Será que ser pai na adolescência interfere nos estudos, na vida social e profissional destes jovens? De que maneira?

A sociedade brasileira ignora os pais adolescentes em decorrência de um preconceito de gênero?

Estas são algumas indagações que esta pesquisa se propõe a estudar.

PRESSUPOSTOS

Pressupomos que apesar do impacto da paternidade na adolescência ser semelhante, cada jovem pertence a uma família com contextos sociais e culturais diferentes, o que determina assumir ou não essa paternidade.

Também pressupomos que jovens que foram pais na adolescência, hoje mais amadurecidos, não pensam em casar-se, ou viver juntos com a antiga companheira, mãe de seu filho.

OBJETIVO GERAL

Conhecer o significado da paternidade na adolescência entre estudantes universitários que a vivenciaram.

Objetivos Específicos

- Identificar a paternidade na adolescência e sua relação com o futuro acadêmico destes jovens.
- Identificar os significados da paternidade na adolescência e suas conseqüências na vida pessoal destes jovens.
- Identificar os problemas enfrentados na família pela paternidade precoce.
- Identificar a relação dos jovens que foram pais na adolescência com seu filho e a mãe de seu filho.

JUSTIFICATIVA

A literatura sobre gravidez na adolescência é extensa e focada no universo feminino, entretanto é incipiente ao abordar a paternidade na adolescência, fica evidente em todos os descritores relacionados ao tema da maternidade e paternidade adolescentes, a incidência superior de estudos sobre a maternidade adolescente.

Quando se estuda os temas maternidade e paternidade em adolescentes, a porcentagem de estudos abordando a maternidade é bem superior a de paternidade, tal fato confirma a tendência apontada pela literatura reduzida sobre paternidade, adolescente, em geral, estas têm levado em conta apenas a gestante /mãe adolescente, ignorando aspectos como preocupações de pais adolescentes, impacto da gestação e da paternidade, interação com o bebê, dentre outros (LEVANDOWSKI, 2001).

No Brasil, há aproximadamente 30 anos, a temática da gravidez na adolescência tem preocupado profissionais de saúde, assim como diferentes segmentos sociais, entretanto, a maior parte dos estudos aborda as questões

relacionadas ao sexo feminino, possivelmente, resultado da influência sociocultural, na qual a mulher é considerada a principal responsável pela gestação e cuidado com a criança (Guimarães, 2001; Lima, 2002).

De acordo com Corrêa (2005).

“A paternidade adolescente permanece praticamente inexplorada no meio científico e socialmente pouco abordada”.

A paternidade adolescente, de forma geral, não é tematizada, e quando enfocada surge como objeto de preocupação, com uma abordagem preventiva e punitiva, ou seja, deveria ser evitada, se esta ocorrer, o jovem deve assumi-la com o casamento (LYRA, 1997).

É essencial vislumbrar o adolescente que se torna pai, pois ele carece de assistência na paternidade, é necessário oferecer a ele a mesma assistência oferecia a gestante, os serviços de saúde devem assisti - los de forma igualitária, promovendo ações educativas, preventivas em relação a DSTs, gravidez indesejada, e paternidade (AYRES, 2003).

É importante que sejam desenvolvidas novas investigações sobre o tema, porque, mesmo que os pais adolescentes sejam ainda classificados como ausentes vários vêm assumindo o seu papel, acompanhando suas namoradas em função de uma vontade pessoal e não somente por pressões familiares e /ou sociais (Cabral, 2003; Costa, 2005).

A ausência de dados sobre a população masculina nos Sistemas Oficiais de Informação relacionados a Nascidos Vivos e Saúde Reprodutiva (IBGE e SINASC) evidencia a necessidade de adequação desses sistemas para a viabilização de pesquisas e ações estratégicas na prevenção da gravidez precoce e repetição dessa ocorrência entre adolescentes, envolvendo também a população masculina, considera - se que a necessidade de inserir o homem no contexto das ações de Saúde Reprodutiva possa contribuir para maior integração e participação desses nas decisões e responsabilidades diante da saúde reprodutiva e cuidados com os filhos (COSTA, 2001).

Portanto, estudos em torno desta temática são importantes para conhecermos este fenômeno, visando auxiliar estes jovens a terem uma relação

amistosa com a paternidade, minimizando as intercorrências que a mesma pode trazer, oferecer a eles serviços de saúde que os assistam de forma integral.

REVISÃO DA LITERATURA

Adolescência e Sexualidade.

A adolescência é percebida como período de transição entre a infância e a idade adulta, de forma natural e universal, focando os aspectos biológicos desta passagem, mas outros aspectos como o social, familiar, econômico, políticos interagem com os de ordem física, caracterizando realidades diversas para cada adolescente, no seu processo evolutivo (CANO, 2007).

Estar na adolescência é viver uma fase em que múltiplas mudanças acontecem e se refletem no corpo físico, pois o crescimento somático e o desenvolvimento em termos de habilidades psico - motoras se intensificam e os hormônios atuam vigorosamente levando a mudanças radicais de forma e expressão (FERREIRA et al, 2007).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei número 8.069 de 1990, circunscreve a adolescência como o período de vida que vai dos 12 aos 18 anos e a faixa etária para delimitação de juventude vai dos 15 aos 24 anos (ECA , 2001, PORTO, 2002 , BRASIL 2006).

A transição da infância para a vida adulta é um fato biológico universal, reconhecido e ritualizado em diversas sociedades, os procedimentos simbólicos, discursivos e práticos (institucionais) de que as sociedades lançam mão para nomear e abordar esta etapa da vida não são homogêneos (CORRÊA, 2005, e VENTURA , 2006).

A adolescência é uma fase de transição gradual entre a infância e o torna-se adulto, que se caracteriza por profundas transformações somáticas, psicológicas e sociais (COLLI, 2003).

Para Aberastury (1991, p.16) .

“Até há pouco tempo, o estudo da adolescência centrava-se somente sobre o adolescente, este enfoque foi e será sempre incompleto se não se levar em conta a outra face do problema: a ambivalência e a resistência dos pais e da sociedade em aceitar o processo de crescimento.”

O adolescente precisa conhecer de perto a história de sua família, de cada um dos seus membros, da sua realidade econômica e de sua ideologia (ABERASTURY, 1991).

A heterogeneidade das estratégias culturais para lidar com esta passagem não desapareceu em diferentes contextos culturais e os ritos de passagem tradicionais convivem muitas vezes com discursos, normas e práticas derivadas de concepções modernas sobre o momento desta transição (CORRÊA 2005, e VENTURA , 2006).

A modernidade difundiu uma concepção de adolescência que prioriza a individualidade, autonomia, experimentação e a liberdade dos jovens.

As mudanças biológicas trazem conflitos e a necessidade de adaptação e essa deve ser interna e externa, o crescimento, nesta fase, é rápido e desproporcional, os membros se alongam, o corpo emagrece, os ângulos se salientam, a mudança quase que brusca não permite uma adaptação harmônica ao processo.

As alterações físicas, com o surgimento das características sexuais secundárias, são vividas com ansiedade, algumas vezes com certo incômodo tanto para meninos quanto para meninas .

As modificações corporais, o aparecimento de pêlos pubianos e axilares, o aumento da força muscular, a distribuição da gordura, a mudança da voz, o desenvolvimento dos seios ou do pênis, a menarca, a primeira ejaculação e a masturbação, são elementos que exteriorizam as mudanças internas com seus reflexos sobre a vida afetiva e emocional dos jovens (OZELLA, 2002).

As alterações físicas, hormonais e cognitivas que ocorrem neste período colocam o adolescente diante de novas posturas e papéis na sociedade, especialmente no que se refere ao interesse e relacionamento com o sexo oposto.

As mudanças físicas constituem a puberdade, caracterizada principalmente pela aceleração do crescimento físico, mudança da composição corporal, eclosão hormonal, e evolução da maturação sexual, que pode ser acompanhada através do desenvolvimento de caracteres sexuais secundários masculinos e femininos, estas transformações estão indelévelmente associadas às vivências da sexualidade (SAITO, 2005).

O acompanhamento biológico das transformações características da adolescência denomina-se puberdade, e esta não é sinônimo de adolescência, mas

parte dela, é marcada na prática pelo aparecimento dos caracteres sexuais secundários: aumento dos testículos, evidencia de broto mamário, desenvolvimento de pelos pubianos, até o completo desenvolvimento físico, e aquisição da capacidade reprodutiva (LEAL , SILVA , 2001).

Nesta fase da vida as mudanças, da imagem corporal têm uma grande importância e está relacionada a questões de auto-estima dos jovens.

O significado destas características sexuais difere em relação ao gênero, para as meninas o surgimento dos seios as tornam sedutoras e sensuais, a força muscular dos meninos é sinônimo de virilidade, masculinidade e sexualidade, (OZELLA, 2002).

O adolescente pode passar por crises que são essenciais para seu amadurecimento, na busca da própria identidade, é um período marcado pela originalidade, gosto pela aventura e desejo de transgressão as normas pré-estabelecidas com a intenção de construir sua autonomia.

O adolescente busca respostas às questões que lhe foram transmitidas, simplesmente produto de seu meio é sujeito, que reage ativamente ao que lhe é proposto, buscando formular respostas próprias que façam sentido para ele e permitam sua inserção social.

Cada geração, em sua heterogeneidade, contém a diversidade de caminhos produzidos por seus membros; porém, nas diferenças, os pares tendem a estabelecer laços de identificação que lhes facultam permanência neste momento tão marcante (MATHEUS, 2003).

A população de adolescentes e jovens no Brasil, compreendia em 2001, o contingente de 51 milhões de brasileiros na faixa etária aos 10 aos 24 anos de vida ou 1/3 da população brasileira sendo que a população masculina e a feminina são equivalentes, portanto estes jovens representam grande expressividade populacional , necessitando de ações efetivas de instituições sociais e das políticas publicas que minimizem sua vulnerabilidade a DSTs, gravidez, e paternidade precoce, e assegurem proteção e atenção integrada a estes jovens (BRASIL 2006, CANO 2007).

A sexualidade na adolescência deve ser vista como um importante aspecto do desenvolvimento da personalidade, ela envolve todas as relações com os outros e com o meio ambiente, e não é exclusivamente sinônimo de sexo ou atividade sexual.

A sexualidade é um fenômeno da vida humana, e faz parte da vida dos adolescentes, é nesta fase que a identidade sexual será formada (SIMONETTI, 2001, CANO, 2000).

A vida sexual dos jovens tem se iniciando em idade cada vez mais precoce, com orientação inadequada a respeito de métodos anticoncepcionais disponíveis, podendo levar a gestações indevidas, abortos e até maternidade e paternidade precoces.

Os jovens não têm informações consistentes e que possam incorporar sobre o desenvolvimento e a saúde sexual, embora recebam muitas informações sobre sexo, nem sempre sabem tanto quanto aparentam saber, além do mais, têm pouco acesso à orientação e a serviços de planejamento familiar, sendo a fonte de seu saber, muitas vezes, conceitos equivocados, carregados de tabus, oriundos de colegas e amigos que também não tiveram acesso a educação em sexualidade, portanto, a desinformação neste setor se torna um círculo vicioso, difícil de romper (ROMENO et al, 2007).

Os adolescentes mostram-se disponíveis para o ato sexual, no entanto não existe grande preocupação com a manutenção de sua saúde sexual e da parceira, uma vez que eles não referem fazerem consultas aos centros de saúde ou usarem o preservativo, desta forma não serão implementadas profilaxia contra doenças sexualmente transmissíveis, nem de gravidezes e paternidade precoce (CORRÊA, 2005).

Villela e Doreto (2006, p.2467) afirmam que:

"No contexto de homogeneização de comportamentos e estilos de vida que caracteriza a sociedade contemporânea, ser jovem significa mais do que uma delimitação etária: Ser jovem é ser novo e inovado, projetado para o futuro, a juventude e beleza leveza, humor, responsabilidade, coragem, ousadia e ... sexo"

Pode-se perceber na sociedade que juventude é sinônimo de sexo, sendo este incentivado entre os adolescentes, seja pelos meios de comunicação de massa, revistas pornográficas, filmes, Internet, entre outros.

Vários fatores podem ser responsáveis pela estimulação sexual precoce dos jovens, entre eles, novamente se destaca os meios de comunicação, existe um bombardeio de erotismo pela mídia, a televisão expondo mulheres jovens semi-

nuas, em programas de auditório, nas campanhas de venda das cervejas com mulheres lindas com pouca roupa, e homens viris (CANO, 2007).

Para Contini, Barros e Koller (2002, p.23).

“Apesar de não haver um consenso na literatura a respeito do papel social dos meios de comunicação, há uma tendência geral de reconhecer que eles devem ser considerados intencionalmente ou não, as informações veiculadas afetam em algum grau a visão de mundo, e de si mesmo, que o jovem constrói”.

A sociedade é contraditória quando incentiva às atividades sexuais dos jovens e apregoa a idéia que a liberdade sexual deve ser exercida de maneira plena, o prazer é exaltado ao Máximo, porém esta fica restrita às relações sexuais e o erotismo é um meio de venda para a mídia de produtos de prazer físico e a aquisição destes representa status social.

No entanto, nesta mesma sociedade, os valores modernos difundidos são os de percepção do amor em lugar da maternidade, como base do casamento, a escolha individual e subjetiva do parceiro, maternidade retardada, estudo e trabalho fora do lar, que vem exigindo cada vez melhores qualificações (SOUZA et al, 2001).

A sociedade não oferece garantias para o exercício da sexualidade destes adolescentes nem os conscientiza das conseqüências que a sua liberdade sexual pode trazer, tendo tudo para se tornar traumática.

As novas formas de se relacionar, como o ficar, o rolo, e o namoro são estimulantes para os adolescentes, mas podem gerar insegurança, angustias, o ficar é a forma de experimentação sexual, mais freqüente entre os adolescentes onde não há compromisso, podendo ou não existir uma relação sexual completa.

O ficar radicaliza a imprevisibilidade e a intermitência que caracterizam as relações sexuais dos adolescentes, e esta forma de relaciona-se parece comprometer ainda, mais na decisão feminina de contracepção, pois os pares tem pouca intimidade, estes namoram e se apaixonam freqüentemente, mas estes relacionamentos são fugazes (HEILBORN et al, 2002).

Como afirma Knobel (1981, p.44) :

“Ao ir aceitando sua genitalidade, o adolescente inicia a busca do parceiro de maneira tímida, mas intensa, é o período em que começam os contatos superficiais, os carinhos, cada vez mais

profundos e mais íntimos, que enchem a vida sexual do adolescente”

O exercício da atividade sexual é especial nesta fase da vida, existe um contato genital exploratório, mas a capacidade reprodutiva é ignorada (SAITO, 2001).

Para o adolescente o novo corpo a principio desconhecido, cria duvidas e medos, dando espaço para o surgimento de mitos e preconceitos a respeito da sexualidade.

Gênero é um elemento constituído de relações sociais baseado nas diferenças notadas entre os sexos, e gênero é uma forma principal de demonstrar as relações de poder (SCOTT, 1991).

Nossa sociedade não percebe a sexualidade de forma homogênea, existe uma dupla moralidade vigente, na qual o sexo precoce é estimulado entre os rapazes e restrito as garotas.

Existe uma dupla Concepção de valores em nossa sociedade, onde se estimula a iniciação sexual precoce dos meninos, enquanto se estabelecem restrições as meninas, não há equivalente masculino para mulher “perdida” e o homem que prática aventuras sexuais é admirado, principalmente no meio de outros homens (GUIDDENS, 1993).

Quando uma adolescente resolve fazer uso de anticoncepcional, demonstrando atitude de consciência para evitar gravidez precoce ou indesejada, a primeira providencia dela é esconder o fato da família, os adolescentes são aplaudidos ao usarem preservativo e as garotas são questionadas sobre suas intenções por carregarem um preservativo na bolsa (SAITO, 2001).

A sexualidade masculina e a feminina são construídas socialmente e criam estereótipos em que a sexualidade masculina é reconhecida como incontrolável, cheia de permissões e incentivos e sendo esperado dos rapazes certa ousadia em relação ao sexo, já a sexualidade feminina, é recheada de cobranças e restrições, a virgindade é apregoada e a sexualidade deve ser despertada e subordinada a vontade do homem (SOUZA et al 2001, VILLELA e DORETO, 2006).

Podemos notar, que embora exista a liberdade sexual das mulheres conquistada nas últimas décadas, ainda incide a contenção do exercício da sexualidade por parte das meninas, para elas existe uma autoridade extrema

estabelecida pela família, sociedade, homens e até em algumas culturas que irão tentar impedir o seu relacionamento sexual ou na pior das hipóteses adiar ao Máximo esta iniciação sexual.

Muitas adolescentes dizem que ser mulher é ser meiga, sensível, delicada, e principalmente feminina e não saber sobre sexo, pois afinal é o homem quem vai ensinar sexo a elas, e quando fazem sexo é porque realmente amam e tem compromisso com o parceiro, tem um medo enorme de ser confundidas com a fácil, ou seja, a disponível, sugerir camisinha é o oposto deste modelo de mulher (PAIVA et al, 2002).

O sexo é idealizado de formas variadas entre os adolescentes, na percepção feminina existe uma idéia romântica das suas relações amorosas, já na masculina uma preocupação com a técnica o movimento do corpo visando o bom desempenho no ato sexual.

Para a maioria dos garotos, ser homem é não controlar muito os seus impulsos sexuais e agressivos: deu tesão, transou; pintou desavença brigou, colocar a camisinha e se preocupar com a parceira é regrar estes sinais de virilidade, sabem tudo sobre seu prazer e o pênis que manipulam, e nada sobre a reprodução (PAIVA et al, 2002).

As jovens ainda sonham com seu príncipe encantado, com o amor capaz de superar crises e preconceitos, enquanto os jovens aspiram uma boa performance sexual, valorizando a quantidade das relações, ou seja, quanto mais prazer melhor.

O ideal de amor romântico nascido no século XVII ainda persiste no imaginário de algumas mulheres, este amor está ligado ao casamento e maternidade, enfatizando a idéia de que o verdadeiro amor uma vez encontrado é para sempre (CANO, FERRIANI e GOMES, 2000).

Os jovens ficam tão ansiosos pelo amor que pintam qualquer um que pareça ser um provável candidato com as cores brilhantes da imaginação, é uma fase de estar apaixonado pelo amor, tanto quanto pela pessoa amada, mas com o tempo, a pessoa amada se revela e a fantasia se desfaz (STEVE, 2002).

A atividade sexual inicia-se na adolescência sem a clareza suficiente sobre seus impulsos e necessidades, percebe-se que os jovens se envolvem em relações, com vínculos semelhantes a de casais adultos, sem no entanto estarem preparados emocionalmente para tais relacionamentos (ADAMO, 2001).

A maioria dos adolescentes ignora os riscos que uma relação sexual desprotegida pode trazer, o despertar de sua sexualidade é intenso e às vezes desenfreado, podendo colocá-los em situação de vulnerabilidade, é necessário suportes na área educacional, saúde e política visando informá-los sobre sua saúde reprodutiva, auxiliando os a lidar com sua sexualidade e orientar sobre os riscos que relações sexuais desprotegidas podem acarretar.

As campanhas informativas são ampliadas, é realizado todo um processo para transformar informação em algo bom para os olhos, mas não se insiste na formação, deveria haver mais preocupação com a formação no Brasil, deveria existir orientação sexual desde a pré-escola, pois a sexualidade nasce junto com o ser humano, inclusive fazendo parte da formação da personalidade é necessário que Instituições competentes atuem com adolescentes em programas educacionais e de saúde (BARBOSA, 2007).

Serviços de prevenção necessitam ser implantados com ação efetiva antes que os jovens se envolvam em comportamentos de risco, podendo estar entre eles, professores, enfermeiras, e demais profissionais da saúde para promoverem oficinas com trabalho educativo que visem informar e sensibilizar os adolescentes para auxiliá-los a exercer sua sexualidade plenamente.

Há que se fazer um esforço cada vez maior para a união dos pais, educadores, profissionais da saúde, comunidade e mídia em um objetivo comum, ou seja, a atenção integral à saúde do adolescente, visando reduzir os riscos que eles podem estar sujeitos (ROMERO et al, 2007).

Vulnerabilidade e Adolescência.

Nascida como parte do direito internacional pelos direitos universais do homem, o termo vulnerabilidade designa em sua origem, grupos de indivíduos fragilizados, jurídica, ou politicamente, na promoção, proteção ou garantia de seus direitos de cidadão (ALVES, 1994).

A vulnerabilidade mostra - se como condição existencial humana, pressupondo sua manifestação em graus variados, dependendo do contexto, em todos os seres humanos, todos somos vulneráveis, em relação a drogas lícitas, ilícitas e em relação a nossa própria sexualidade, gravidez e paternidade

indesejáveis, mas as características do adolescente o tornam, mais susceptíveis as mais, diversas vulnerabilidades (AYRES, 2003, PETTENGILL, ANGELO, 2005).

Na Síndrome da Adolescência Normal descritas por Knobel e Aberastury enfoca variantes do comportamento adolescente e explica, sua tendência a vulnerabilidade:

Constituem características desta síndrome a busca pela identidade, tendência grupal, vivencia temporal singular, gosto pela aventura, impulsividade, evolução da sexualidade, havendo, às vezes, um descompasso entre o corpo pronto para reprodução e o psíquico despreparado para este evento, tais características podem tornar estes jovens vulneráveis à gravidez e paternidade precoce (KNOBEL e ABERASTURY 1981, CARSSOLA, 1984).

A vulnerabilidade no adolescente está ligada às características próprias do desenvolvimento psico - emocional deste ciclo da vida (SAITO, 2005).

As pessoas não são vulneráveis, elas estão vulneráveis sempre a algo, em algum grau e forma, em um certo ponto do tempo e espaço (AYRES, 2003).

Vulnerabilidade é o conjunto de fatores que podem aumentar ou diminuir a ocorrência de determinada situação a que estamos expostos em todas as fases de nossas vida, o adolescente é idealista, contestador, curioso, com necessidade de constantes desafios, tem pouca experiência o que pode provocar nele uma atração pelo risco (CANO, 2007).

A iniciação sexual precoce vem ocorrendo cada vez, mais cedo, haja vista o número de partos ocorridos no Brasil entre meninas de 10 a 14 anos representa 0, 8 % e requer especial atenção, não apenas pela faixa etária destas meninas, mas sobretudo por representarem que as relações sexuais estão ocorrendo sem uso de camisinha, o que coloca estes adolescentes suscetíveis aos riscos de DST/ AIDS, gravidez e paternidade indesejáveis (GUIMARÃES, 2001).

A atividade sexual cada vez mais precoce e descuidada dos adolescentes gera conseqüências como as doenças sexualmente transmissíveis – DSTs, uso e abuso de drogas, a gravidez indesejada e paternidade precoce, tal atitude evidencia implicações como abandono escolar, estrada precoce no mercado de trabalho, reduzindo suas perspectivas de um futuro promissor (MANDU, 2000, CANO, 2007).

A vulnerabilidade adolescente passa por 3 componentes: o individual, social e o programático (AYRES, 2003).

- Componente individual: relaciona-se ao grau e à qualidade da informação de que os indivíduos dispõem sobre o problema; a capacidade de elaborar essas informações e incorporá-las aos seus repertórios diários de preocupações; e finalmente, ao interesse e às possibilidades efetivas de transformar essas preocupações em práticas protegidas e protetoras.
- Componente social: relaciona-se à obtenção de informações, as possibilidades de metabolizá-las e ao poder de incorporá-las a mudanças práticas, o que não depende só dos indivíduos, mas de aspectos, como o acesso a meios de comunicação, escolarização, disponibilidade de recursos materiais, poder de influenciar decisões políticas, possibilidade de enfrentar barreiras culturais, estar livre de coerções violentas, ou poder defender-se delas.
- Componente programático: para que os recursos sociais que os indivíduos necessitam para não se expor ao HIV, a gravidez e paternidade precoce e se proteger de seus danos sejam disponibilizados de modo efetivo e democrático, deste componente enfoca o desenvolvimento de ações institucionais demonstrando compromisso dos políticos no planejamento e execução das ações de qualidade, continuidade e avaliação dessas ações (Ayres, 2003; CANO, 2007).

A vulnerabilidade não se limita apenas ao indivíduo e seu estilo de vida, devemos considerar também as condições que estão disponíveis a estes adolescentes, as educacionais, familiares, culturais e sociais (CANO, 2007).

O aumento na frequência de ocorrência e os possíveis problemas associados a gravidez justificam a preocupação com a mesma, a ponto de ser considerada um problema de saúde pública, o que expõe a insuficiência de abordagens estritamente biológicas e de planejamento familiar para o enfrentamento desse problema (Oliveira, 1998).

Atualmente, no Brasil e em diferentes países, indicadores apontam para a alta prevalência de partos e nascimentos entre adolescentes, em todas as classes sociais, embora com maior impacto no baixo nível socioeconômico (Guimarães, 1994; 2001; Costa *et al.*, 1999).

A gravidez na adolescência é vista com certa apreensão em nosso meio, pois sabe-se que esta fase na vida dos jovens, é cercada de tentativas de afirmações de identidade, portanto rodeada de dúvidas.

Segundo Heiborn et al (2002.p. 20).

“A gravidez adolescente pode ser tida como inesperada ou ser fruto de uma programação; pode resultar em vínculo ou separação posterior; em relações estáveis e duradouras ou ainda não resultar em vínculos, quando o rapaz nega a paternidade”.

A gravidez é um evento marcante, na vida de qualquer mulher, ela pressupõe uma certeza, não só na vida da adolescente, como também de seu parceiro, o casal grávido passará por mudanças que os colocará em xeque em relação ao seu preparo e desempenho para a tarefa familiar.

A adolescência e a maternidade são períodos de mudanças que implicam numa série de transformações, tanto individuais como grupais e familiares (FALCÃO e SALOMÃO, 2005).

A gravidez é uma transição que faz parte do processo normal do desenvolvimento, envolve a necessidade de reestruturação e reajustamento em várias dimensões: em primeiro lugar verifica-se mudança de identidade e uma nova definição de papéis, a mulher passa a se olhar e a ser olhada de maneira diferente (MANDONADO, 1997).

A gravidez é um episódio na vida da mulher, para ela seu organismo foi - se lentamente preparado e adaptado ao longo de modificações gerais e locais que levaram a jovem da puberdade à maturidade sexual, e se caracteriza pela presença no organismo feminino do óvulo fecundado, a maternidade é vista por algumas mulheres como sendo um desejo que sempre existiu, como natural, instintivo, essencial, como a realização de um sonho do passado (REZENDE, 2005, COSTA, 2002).

Dessa forma, parece-me que a representação é a de que as mulheres vão se constituindo mães ao longo de suas trajetórias de vida, e que a maternidade é uma experiência de continuidade, de repetição, de realização de um plano desde sempre elaborado no passado feminino, o mesmo processo de mudança de identidade e de papel se verifica no homem, e também a paternidade deve ser

considerada como uma transição no desenvolvimento emocional do homem (MALDONADO, 1997).

Assim a paternidade seria um projeto para o futuro, enquanto a maternidade aparece como a atualização de uma continuidade.

A incidência da gravidez na adolescência tem aumentado nas últimas décadas, de forma global, estima-se que no Brasil, um milhão de adolescentes dão a luz a cada ano, o que corresponde a 20% do total de nascidos vivos, (SILVA e TONETE, 2006).

No Brasil, 50% das jovens e 78% dos jovens tem a sua primeira experiência sexual até os 24 anos de idade, com idade mediana da sexarca de 16,4 anos para as garotas e 15,3 anos para os rapazes, apenas 33% dos jovens relatam uso de contracepção na primeira relação sexual e em 1998, 25% dos partos realizados no Sistema Único da Saúde (SUS), foram de adolescentes (SOUZA, 2002).

Geralmente, a gravidez na adolescência acontece inesperadamente, podendo acarretar uma série de episódios negativos que vão interferir no desenvolvimento da adolescente, na aceitação ou rejeição familiar e de amigos na existência de restrições socioeconômicas (CARVALHO et al, 2000, CANO, 2007).

A pressão sofrida pelos adolescentes para ter relações heterossexuais foi repassada para as suas parceiras durante o namoro, os garotos diziam às garotas que desejavam ser pais, porém evidenciou-se que esse desejo era fictício, sendo apenas manifesto para terem relações sexuais com, mais facilidade (ALMEIDA e HARDY, 2007).

O desejo manifesto de paternidade ou planejar uma família vai de encontro aos objetivos da maioria das mulheres, casar e ter filhos, esse encontro potencializa os riscos de gravidez, recebida com surpresa pelos adolescentes, pois esta não era uma meta real nem imediata para os mesmos (ALMEIDA e HARDY, 2007).

Os motivos que levam uma adolescente a engravidar são variados, muitas pesquisas mostram que o início da atividade sexual pelos jovens é cada vez mais precoce; a transa faz parte do namoro, com baixa incidência do uso de métodos anticonceptivos.

umas desejam engravidar como parte do processo da busca da identidade, porém, a desinformação é uma das principais causas, pois a falta de

informação a respeito da sexualidade faz do assunto um tabu, e esta atitude provoca curiosidade, que muitas vezes é satisfeita entre amigos.

Desse modo, as adolescentes engravidam sem ao menos saberem o que está acontecendo com seu corpo, por não associar a relação sexual com a fecundidade, por não tomarem medidas para prevenir uma gravidez (SOUZA, 2001).

O aumento do índice de gravidez na adolescência tem se tornado um fator agravante, apesar de que a mesma não seja um fator recente em nosso país, pois nos dias atuais a gravidez é considerada um desperdício de oportunidades, gerando uma nova concepção quanto a idade ideal para se ter filhos (HEIBORN et al 2002).

Muitas adolescentes abandonam os estudos e perdem a possibilidade de ascensão social que a educação promove, este abandono escolar impede a formação profissional criando problemas sociais, graves como a manutenção da miséria, conseqüentemente pouco conhecimento em relação a saúde dificultando o cuidado com os próprios filhos (CANO, 2007).

A maternidade na adolescência, no que se refere à trajetória acadêmica, a literatura em geral tem mostrado que gestantes e mães adolescentes apresentam defasagem na escolaridade, com altas proporções de evasão e de abandono escolar, sendo a gravidez um dos fatores que pode contribuir para o afastamento da escola ou atraso no nível de instrução deste grupo, assim como, os determinantes socioeconômicos (COSTA et al, 2005).

Mesmo que a gestação seja desejada, nem sempre ela está condizente com a realidade que a adolescente vive, muitas vezes ela pensa que a gravidez vai mudar seu destino, incluindo educação, trabalho e família (CARVALHO et al, 2000).

Sabe-se que a transição da infância para a fase adulta é um processo lento; no entanto, se uma adolescente engravida, esta fase é transposta aos saltos, quando ainda está se adaptando às transformações que estão ocorrendo em seu corpo, é plausível que as transformações próprias da fase adolescente fiquem exacerbadas frente a uma situação de gravidez e paternidade (SOUZA et al, 2001; LEVANDOWSKI et al, 2002).

Quando a gravidez é indesejada ou inexistente apoio familiar, social, o adolescente pode praticar aborto, em condições impróprias, podendo causar óbito (MANDU, 2000).

Na maternidade adolescente, é essencial o suporte emocional e financeiro oferecido pelos avós (FALCÃO e SALOMÃO, 2005).

A família se constitui em fonte de apoio material desses jovens pais e mães: independentemente do segmento social e da situação de co-residência, há sempre uma ajuda importante no sustento deles e suas crianças, as avós maternas estão sempre próximas aos netos, assumindo responsabilidade de cuidado com eles (AQUINO, DIAS, 2006).

É necessário focar que nem toda gravidez na adolescência é inconseqüente e traumática, pode se notar que existem mulheres que engravidaram porque realmente desejaram esta criança.

Estudo realizado em 2000, com 100 puérperas adolescentes constatou que 72% dos pais dos bebês também eram adolescentes ou jovens na faixa etária de 20 a 24 anos (BARROS e CARVALHO, 2000).

A palavra *masculinidade* que surge no século XVIII para explicitar critérios de diferenciação entre os sexos, espaço simbólico de sentido estrutural que modela atitudes, comportamentos e emoções a serem seguidos e aqueles que seguem tais modelos não só são atestados como homens como também não são questionados pelos outros que compartilham desses símbolos (OLIVEIRA, 2006).

Observando historicamente a sexualidade humana, com ênfase no processo de formação masculina percebemos que a masculinidade é concebida a partir da capacidade produtiva, pela qual o homem responde como provedor material e financeiro do grupo no qual está inserido, portanto a simples posse do cromossomo Y ou dos órgãos sexuais masculino não são suficientes para determinar o 'verdadeiro homem', para isto ele deve obedecer às normas ditadas pelo "manual do macho", no qual ser homem implica a superação de todos os ritos de passagem, que geralmente compreendem a demonstração de poder através da força física, da proteção de seus dependentes, da inteligência, do trabalho forçado entre outros (FILHO, 2000).

De acordo com Oliveira (2006, p.54).

"O homem deveria consagra-se como tal pela "Aquisição" de um certo padrão físico e, depois, através de uma adequação moral, que deveria culminar com a consagração do casamento"

Entre as várias formas de demonstração de poder aos quais o pré-homem é submetido, destaca-se a conquista do status social, via de regra conquistado pela profissão que desempenha e pela condição financeira que alcança; outro fator e a

constituição de uma família, que apesar de não mais ser caracterizada como tradicional pai e mãe unidos pelos laços do matrimônio até que a morte os separe, ainda se forma pela presença de um pai provedor financeiramente (SILVEIRA, 1997).

Não esqueçamos que neste modelo de família atua uma mãe que, além de dona de casa, assume tarefas no espaço público e é a maior responsável pela reprodução, momento no qual o homem exhibe para os seus companheiros a sua maior façanha viril, a perpetuação da espécie (CORRÊA, 2005).

No Brasil, o adolescente e a adolescência ganham visibilidade nas políticas de saúde, a partir da década de 80, com o Programa de saúde do adolescente PROSAD (1989) é considerado cidadão, com a instituição do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990).

Conhecer as normas legais que resguardam as crianças e adolescentes é fundamental para que nossos jovens não sejam excluídos de seus direitos básicos de acesso à educação, saúde, e acima de tudo um ambiente hígido e propício ao seu desenvolvimento físico, mental e espiritual (PORTO, 2002).

O ECA estabelece (artigos 7 a 14) o direito à assistência integral, através do Sistema Único de Saúde (SUS), atribuindo prioridade em relação à disponibilidade de recursos para implementação de programas, de prevenção de doenças e promoção de saúde no segmento infanto-juvenil, sem qualquer restrição à assistência sexual e reprodutiva (CORRÊA 2005 , e VENTURA, 2006).

A garantia do direito à assistência saúde deve ser sempre entendida como favorecendo a mais ampla abordagem preventiva, estimulando a responsabilidade e autonomia do jovem atendido com sua própria saúde e cuidado com o outro, o que inclui a atividade sexual (CORRÊA 2005, VENTURA, 2006).

Os direitos que envolvem a assistência à saúde dos adolescentes devem sempre ser concebidos de forma a priorizar a vida, a saúde, a dignidade e ao pleno desenvolvimento destes jovens, para atender aos seus interesses e preservar sua total autonomia.

O ECA imprime uma mudança de ótica e afirma a condição cidadã da criança e do adolescente, na medida em que rompe a divisão entre "menor" e "criança", pois, legalmente, elimina o termo "menor" e a partir daí, a população infanto-juvenil não é vista mais como objeto de tutela, mas sim como sujeito cujos

direitos devem ser garantidos, merecedores de atenção integral, em condição peculiar de desenvolvimento (FERREIRA et al, 2007).

A Lei da Paternidade (Lei nº 8560) foi aprovada em 29 de dezembro de 1992, para os filhos de casais *não casados*, vivendo uma relação eventual ou convivendo em união estável, esta lei reconheceu à mãe não casada com o pai, a condição de cidadã com o direito de declarar, na oportunidade da lavratura do registro de nascimento, ainda que em separado, o nome do pai da criança, redimensionou a paternidade, promovendo seu deslocamento da esfera privada para a condição de questão de interesse público (THURIER, 2006).

O reconhecimento paterno formal, social e afetivo promove igualdade e pode favorecer novas formas de relações parentais, como a pluri-parentalidade.

O Art. 21. ECA (1990), faz referência aos direitos igualitários dos genitores e afirma:

“O poder Familiar será exercido, em igualdade de condições, pelo pai e pela mãe, na forma do que dispuser a legislação civil, assegurado a qualquer deles o direito de, em caso de discordância, recorrer à autoridade judiciária competente para a solução da divergência.”

O poder familiar atualmente constitui um conjunto de direitos e deveres dos pais com relação aos filhos não emancipados, visando a proteção dos mesmos, assim ambos os genitores tem direitos iguais e obrigações com seus filhos.

O poder familiar é o cuidado que o pai e a mãe devem ter em relação aos seus filhos menores, devendo, dentre outros, criá-los, alimentá-los e educá-los, este não se extingue com a separação, o divórcio ou a dissolução da união estável, extingue-se com a morte de um dos pais, pela emancipação, pela maioridade, pela adoção e por decisão judicial.

O poder familiar visualiza o pai não somente como um mero doador de sêmen e a mãe aquela que fornece o útero para gerar, mas sim quem detém o pátrio poder, ou seja, direitos e deveres com relação ao menor.

Estes direitos embora estabelecidos pelo estatuto da Criança e Adolescente, não são tão iguais assim, pois na Constituição Federal de 1988 em seu artigo, XVIII preconiza que:

“A licença maternidade sem prejuízo do emprego e do salário, por 120 dias á gestante”, porém ao genitor em seu artigo 7, refere que o “

trabalhador tem direito á licença paternidade, nos termos fixados em lei, por 5 dias consecutivos, sem prejuízo de perda do emprego ou desconto de salário”.

É necessária realmente uma igualdade de direitos parentais, pois o pai e extremamente importante para a criança desde o nascimento, educação, influência psicológica, e acima de tudo a convivência mutua de ambos constitui um exercício de afeto para a vida.

A Família.

A família tem despertado interesse constante na atualidade, seja pelas transformações profundas pelas quais passou no decorrer dos séculos, ou pelas mudanças que ainda ocorrem em seu seio, no caso de pais e mães na adolescência, os adultos, especialmente os avós das crianças, estão sempre envolvidos no sustento e cuidado de seus netos (AQUINO, DIAS, 2006).

A família compõe um grupo de indivíduos em interação simbólica, mantendo uma interação significativa entre seus membros (PETTENGILL, ANGELO, 2005).

As diferentes modalidades de família surgidas nos últimos tempos expressam transformações muito significativas na relação família, indivíduo, sociedade (PASSOS, 2005).

A família não é algo biológico, algo natural ou dado, mas produto de formas históricas de organização entre os humanos, premidos pelas necessidades materiais de sobrevivência e de reprodução da espécie, os humanos *inventaram* diferentes formas de relação com a natureza e entre si (NARVAZ e KOLLER, 2006).

O termo “família” é derivado do latim “famulus”, que significa “escravo doméstico”, a família romana era centrada no homem, sendo as mulheres, no geral, meras coadjuvantes (ENGELS, 1984).

Este termo foi criado na Roma antiga para designar um novo grupo social que surgiu entre as tribos latinas, ao serem introduzidas a agricultura e também escravidão legalizada (ARIÉS , 1981; ENGELS, 1984).

Na gênese da família primitiva imperava a poligamia entre os homens e a poliandria entre as mulheres, determinando que os filhos de ambos fossem comuns (ENGELS, 1984).

Nesse estágio ainda não se podia falar em organização familiar, uma vez que homens e mulheres viviam em estado total de liberdade social e sexual, com uniões múltiplas no interior do grupo e sem demarcação de parentesco.

Nessa forma de organização, a descendência consangüínea se dava através da linhagem materna, as tribos formavam clãs ou genes sob a responsabilidade das mulheres, numa organização matriarcal, nas quais conviviam uma rede extensa de parentes consangüíneos.

Essa forma de relacionamento livre foi se transformando com o tempo e os clãs foram enriquecendo, surgindo as primeiras propriedades privadas, e esta nova forma de organização social, interferiu no relacionamento sexual, que passou a ser exercido pelo casal, visando que os filhos legítimos desta união herdassem os bens do clã.

Os casamentos foram se tornando monogâmicos e as famílias se organizaram dentro do sistema patriarcal, com linhagem sanguínea paterna (CANO, FERRIANI e GOMES, 2000).

Segundo Engels (1984, p.100),

“A família monogâmica baseia-se no predomínio do homem e sua finalidade expressa e de procriar filhos cuja paternidade seja indiscutível, e exige se esta paternidade indiscutível porque os filhos na qualidade de herdeiros diretos entrarão um dia na posse dos bens de seu pai.”

A partir da legitimação da descendência inicia-se a dominação do homem sobre a mulher e filhos, e esta foi a primeira forma de família fundada em preceitos sociais, com a submissão da mulher ao homem e transmissão dos bens adquiridos pelo casal aos herdeiros legítimos, a mulher era exigido total fidelidade, pois sua função passou a ser meramente reprodutiva, limitado a ela a geração dos herdeiros dos bens dos homens, e também a função de gerir a vida doméstica (CORRÉA, 2005).

A família patriarcal se caracteriza pela organização de um número de pessoas livres ou não em uma família, submetidos ao poder paterno, cabe destacar que o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social.

O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos:

1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens.

2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos (NARVAZ e KOLLER, 2006).

O patriarca, além de provedor financeiro da mulher e dos filhos, controla os meios de produção, o patrimônio e a renda familiar e na maioria das vezes sua autoridade é indiscutível.

O pai exercia o poder na casa, com força para manter o círculo vicioso em que a família estava secularmente encerrada, e sua autoridade valia tanto para os filhos como para a mulher, que dele dependia economicamente e a quem se submetia de acordo com as regras estabelecidas (GOMES, ROCHA 2000 e REZENDE, 2004).

A acumulação de riqueza pelo homem, dava-lhe maior importância na família em relação a mulher, brotando o desejo da transmissão de herança em favor de seus filhos, sendo conseqüentemente o direito materno abolido substituído pelo direito hereditário paterno (CORRÊA, 2005).

Nessa nova concepção familiar, o exercício do sexo dentro do casamento tinha fins reprodutivos e funcionava como um projeto de salvação da alma, o prazer sexual era exercido fora do contexto familiar, com diferentes categorias de amantes e prostitutas.

Nas uniões legítimas, o papel dos sexos estava bem determinado, por costumes e tradições apoiadas nas leis, o poder de decisão formal cabia ao marido, como protetor e provedor da mulher e dos filhos, cabendo á esposa a regência do lar e a assistência moral á família (SAMARA, 2002).

A principal finalidade dos casamentos era de ordem social, ou seja, fortalecer os grupos de parentesco e de status, preservando a herança e o poder econômico.

O sistema patriarcal predominou no Brasil colônia e deixou marcas na atualidade, ao homem cabia e ainda cabem, exercer sua soberania, força e virilidade, podendo até utilizar a violência para impor-se a mulher (CORRÊA, 2005).

A família torna-se individualista, mas permanece patriarcal, estruturada na divisão sexual do trabalho, que impede o exercício da liberdade e igualdade entre os dois sexos.

Estatísticas do IBGE de 1997 mostram que no Brasil, predominam as famílias nucleares (75,93% em 1991), com poucos integrantes, especialmente na área urbana.

A família nuclear tem alguns preceitos básicos:

- A autoridade masculina.
- A divisão sexual do trabalho.
- Os laços afetivos entre marido e mulher e entre pais e filhos
- O controle da sexualidade feminina e a dupla moral sexual.

Na sociedade brasileira atual, o modelo de família nuclear é hegemônico e visto como ideal a ser seguido pela maioria das pessoas, esse modelo tem sofrido fissuras e outros arranjos familiares têm surgido, percebendo-se um aumento do número de famílias matrifocais como resultado de diversas causas, cuja principal é o empobrecimento da população, desestruturação dos lares e agregação de parentes ou conhecidos para formarem uma família mista visando o sustento do grupo (SILVEIRA, 1998).

A mídia argumenta que o crescimento de famílias monoparentais chefiadas por mulheres implica o agravamento da pobreza destas unidades domésticas redundando num aumento da delinqüência e criminalidade (HEILBORN et al, 2002).

Na França e no Brasil vem ocorrendo um fenômeno semelhante , o aumento das taxas de divórcio e um crescimento contínuo do número de famílias monoparentais, é importante destacar que nestas famílias , as mães se encontram sozinhas criando os filhos , resultando para elas a pauperização e a precarização social (DEVREUX, 2006).

Na França 42% dos casamentos terminam em divórcio, portanto 17% dos filhos (de zero a 24 anos) vivem em uma família monoparental, das quais 86% compostas pela mãe com seus filhos (DEVREUX, 2006).

Por outro lado, toda mudança na estrutura familiar, com aumento na incidência de separações dos casais e uma busca de individualidade e realização pessoal, têm propiciado um distanciamento entre pais e filhos, uma falta de dialogo e uma menor troca de experiências.

Com a multiplicação de separações conjugais e com as mulheres se lançando ao mercado de trabalho, a antiga percepção do casal tradicional formado por um pai provedor e por uma mãe guardiã do lar e educadora dos filhos se

encontra mais e mais em evidente descompasso com as realidades vividas pelos casais parentais (DEVREUX, 2006).

A mulher vem conquistando um espaço cada vez maior no mundo público, entrando no mercado de trabalho e assumindo a co-responsabilidade ou até a responsabilidade no sustento da família e cuidados com os filhos (SCHOR, PIROTTA, e CARVALHO, 2001).

A frequência de famílias monoparentais está associada a um dos fenômenos, mais destacados pelo Censo de 2000 e pelas últimas Pesquisas Domiciliares por Amostra de Domicílios (PNADs), o aumento das responsabilidades das mulheres, que passaram a responder pela chefia de um em cada quatro domicílios no Brasil (27,3% segundo a PNAD 2001) e de acordo com os Censos Demográficos, isso significou um incremento de 37,6% entre 1991 e 2000.

Entre os fenômenos que traduzem as modificações na estrutura tradicional das famílias estariam:

- Aumento da proporção de domicílios formados por "não-famílias", não apenas entre os idosos (viúvos), mas também entre adultos jovens que expressariam novo "individualismo";
- A redução do tamanho das famílias;
- A fragilização dos laços matrimoniais, com o crescimento das separações e dos divórcios;
- Incremento da proporção de casais maduros sem filhos;
- A multiplicação de arranjos que fogem ao padrão da típica família nuclear, sobretudo de famílias com apenas um dos pais, e em especial das chefiadas por mulheres sem cônjuge (ALMEIDA e CARVALHO, 2003)

A síntese de indicadores sociais, elaboradas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2006 mostra que 30% dos lares brasileiros são chefiados por mulheres, e expõem também que a maioria destas mulheres vivem sem o marido; podemos notar que as mulheres avançaram em espaços de trabalho antes restrito aos homens ,

o que facilitou o aumento do seu rendimento e o número de domicílios sobre sua liderança. É imprescindível a participação da família, pois ela é o elo central que prove moral e materialmente as condições para que o jovem possa assumir a paternidade e Com a chegada de um novo filho, são exigidas da família novas estratégias para lidar com as tarefas de desenvolvimento, capacidade de adaptação para receber o novo membro e habilidades para administrar as necessidades emergentes do sistema, e uma das tarefas dos genitores, nesse período, é buscar o equilíbrio do sistema familiar (DESSEN e BRAZ, 2000, CABRAL, 2003). Apesar de todas as transformações, a família tem um papel único na sociedade, efetivar a afetividade e bem estar físico dos indivíduos, principalmente durante o processo e crescimento e desenvolvimento infantil.

Paternidade na Adolescência.

A paternidade é exercida sob referenciais de feminilidade e masculinidade que orientam as representações ideológicas e hierarquizadas dos papéis de mulheres e homens, a partir das diferenças biológicas existentes entre os sexos (FREITAS, COELHO e SILVA, 2007).

A sociedade apregoa que desde o nascimento os seres humanos são qualificados em categorias, podendo se dividir em sexuais, econômicas, raciais, culturais, que acabam por levar a crer que alguns possuem mais capacidade que outros para exercer determinadas funções.

A partir desta premissa a mulher teria o instinto da maternidade, o que permite a ela ter mais inclinação para cuidar da prole.

A paternidade é tratada e concebida, na maioria das vezes sob a ótica feminina reafirmando a idéia de que são as mulheres que carregam a gravidez levando ao desenvolvimento do futuro bebê e portanto, responsáveis exclusivas pelo mesmo, com tal atitude o homem é excluído do processo gestacional, do nascimento e da amamentação de seu filho, sendo-lhe negada a participação, sentimentos e desejos de acompanhar o bebê em todas as suas fases de desenvolvimento (SILVEIRA, 1998).

O homem fica proibido de mostrar interesse e afeto por crianças até que saiba que será pai, mas assim que souber que sua companheira esta grávida tem

que mostrar interesse e a partir daí ficar grávido também, mas este interesse é exposto mediante permissão da parceira, pois se exagerar pode ser censurado, com a seguinte frase:

Deixa que isso é coisa de mulher, você é homem e não entende disso, e provavelmente estas frases estarão presentes pelo resto da vida, deste pai bem intencionado (SILVEIRA, 1998).

A reprodução e o cuidado dos filhos continuam sendo pensados como assunto (ou "problema") das mulheres, da natureza do feminino, tanto nas atividades de educação e prevenção como na organização dos cuidados com a saúde, onde os homens não são percebidos (ou são raramente incorporados) como futuros pais.

A paternidade é um evento marcante para a maioria dos homens, pois a gestação e o nascimento de um filho são acontecimentos especiais, que vão mudar suas vidas, favorecendo seu amadurecimento e auxiliando os no exercício do afeto.

A maternidade e paternidade são momentos existenciais importantíssimos no ciclo vital que podem fornecer ao casal a oportunidade de atingirem novos níveis de integração e desenvolvimento da personalidade (MALDONADO, 1997).

O homem grávido é o estágio que serve de aquecimento para o papel adequado de pai que participa da formação do bebê.

Na gravidez o homem e a mulher deixaram de ser apenas filho e filha para se tornarem pai e mãe, ambos vivenciando essa transição com expectativas, anseios e temores, desta etapa tão especial em suas vidas (FREITAS, COELHO e SILVA, 2007).

Para a mulher e para o homem fases de mudança, com transformações e incertezas que acompanham aquisição de novos papéis e responsabilidades antes inexistentes, incluindo-se as relacionadas com a prole, o lar, e os membros da família (FREITAS COELHO e SILVA, 2007).

O vínculo da mãe com o filho inicia-se com total intimidade e o elo entre pai e filho é de aceitação, de assunção de uma responsabilidade, o pai recebe e acolhe o filho como seu e tal união transcende, então, o laço vital para configurar uma aceitação interior do filho (SILVA et al, 2006).

Ao assumir a paternidade, o pai aceita, sobretudo, a responsabilidade de dirigir e assegurar a vida do filho.

A paternidade, hoje em alguma medida, também incorpora a busca da participação ativa desde processo gestacional, estendendo-se aos cuidados básicos das

crianças, do acompanhamento de seu crescimento e desenvolvimento, de seu sustento e de tudo mais que lhe diga respeito (CORRÊA, 2005).

A paternidade não é concebida apenas como 'fazer filhos'; ela está relacionada também à capacidade, se cuidar dos filhos (COSTA, 2002).

O exercício da paternidade só ocorrerá por um conjunto de múltiplas práticas colocadas na relação entre duas pessoas, independente do sexo, opção sexual, grau de parentesco, raças ou idades daqueles que a compoñham, sendo que uma delas é identificada, conscientemente ou não, como pai e, a outra como filha, esta relação é constituída e reconstituída a todo o momento (SILVEIRA, 1998).

Ninguém nasce pai ou mãe, só nos constituímos como tal pela possibilidade da reciprocidade de alguém que lhe constitua como filho, sempre se será pai ou filho de alguém que reconheçamos como tal (VASCONCELOS, 1998).

Quando a mulher anuncia sua gravidez, esta noticia pode ter impactos diferenciados, pois dependerá da estória de vida do casal, e do tipo de relação que une estes jovens, a reação masculina pode ser de felicidade imensa e compartilhada, incluindo até conflitos e separações.

O homem também sofre o impacto da mudança de papeis, o medo, a responsabilidade pelo bebê que está no ventre da parceira, as mudanças no comportamento dela, muitas vezes sem causa aparente, também levam o homem a viver uma fase de conflitos (FREITAS, 2007).

O homem vivencia a gravidez de forma diferente da mulher, pois desejar um filho é completamente diferente de se projetar como pai, pois tal fato remete-o á realidade das responsabilidades que são impostas e devem ser assumidas e normalmente o adolescente se percebe inseguro e despreparado para tais incumbências.

A gestação e o nascimento constituem responsabilidades com o bebê de sustentá-lo e educá-lo, sustentar um filho é uma responsabilidade considerada masculina, o que coloca o trabalho remunerado dos homens como referência fundamental nas concepções sobre paternidade e masculinidade.

Assim, se 'fazer filhos' pode servir para comprovar o atributo físico da paternidade, conseguir sustentá-los e educá-los comprova seu atributo moral.

Na assunção de seus papéis de pais, os genitores não devem limitar seus encargos ao aspecto material, ao sustento, alimentar o corpo, sim, mas também cuidar da alma, da moral, da psique (SILVA et al, 2006).

É com o nascimento de um filho, que o homem verdadeiramente se percebe como pai, pois o bebê sai da imaginação masculina e passa a ser uma vida concreta, confirmada pela possibilidade de pegar, tocar, acariciar, acalentar o bebê mexendo com as emoções, mas também lembrando dos deveres, as responsabilidades pela vida deste filho (FREITAS, et al 2007).

Ser mãe e pai não é apenas cumprir tarefas práticas, mas também se envolver afetiva e intensamente, pois é disso que resulta a qualidade do relacionamento, é extremamente importante existir uma relação saudável entre o homem e a mulher, para que exista uma relação paterna, e para isso é necessário que a mãe abdique de seu sentimento de posse da criança e dar ao pai a oportunidade de entrar nesta relação com o bebê (SILVEIRA, 1998).

É fato que fisiologicamente o homem está em desvantagem em relação a mulher, já que quem gera o bebê é ela, porém, se ela puder ajudar seu companheiro e introduzi-lo nesta relação com o filho, ele poderá assumir a função que lhe é direito de amar, proteger e compartilhar a vida com seu filho.

A paternidade na atualidade incorpora a busca da participação ativa deste processo gestacional, estendendo-se aos cuidados básicos das crianças, ao acompanhamento, crescimento e desenvolvimento, de seu sustento e de tudo, mais que lhe diga respeito, é, sobretudo prestar assistência integral à prole (CORRÊA, 2005).

A paternidade adolescente, em geral, não é tematizada, e quando abordada surge como objeto de apreensão pela sociedade, ela surge a partir de um enfoque punitivo ou preventivo, ou seja, entendida como indesejável, devendo ser evitada, pois o jovem perde muitas oportunidades caso a mesma ocorra (LYRA, 1999).

A paternidade é marcada por transformações e mudanças, onde o homem é obrigado a abandonar o equilíbrio anterior, adquirido nas fases anteriores de sua vida, ou seja, antes do bebê existir, e agora passará por desequilíbrios e tropeços, vai buscando sua nova identidade (SILVEIRA, 1998).

Em muitos casos, os pais adolescentes não possuem maturidade para assumir este novo papel social, pois ainda se encontram em período de crescimento físico e emocional, a criança necessita do par conjugal adulto para construir dentro de si a imagem positiva das trocas afetivas e da convivência (SCIVOLETTO, 1997).

Durante o desenvolvimento da personalidade, o pai real se sobressai e ganha consistência quando a criança o percebe, enquanto desejo da mãe e objeto daquilo que o filho está apto a apreender dele (GOMES e REZENDE, 2004).

Na maioria das vezes, a paternidade ocorre por acidente, de forma involuntária, e o adolescente, às voltas com a difícil tarefa de preparar - se para a vida adulta, é obrigado a assumir mais esta obrigação, que muitas vezes o assusta (SANTORO, 2004).

Nota -se que a paternidade envolvendo os adolescentes de classe média não traz tantos transtornos aos seus projetos futuros, esta não implica, nem na suspensão dos estudos tão pouco no ingresso ao mercado de trabalho (HEIBORN et al, 2002).

Existem paradoxos e tensões em torno dos significados da paternidade, que influenciam a forma como os homens vêm a si próprios como pais e como praticam a paternidade (BUSTAMANTE e TRAD, 2005).

Para cuidar bem de um filho, deve haver uma disponibilidade interna para atender às necessidades deste filho, que nasce das experiências de segurança que o indivíduo teve com seus pais ao longo da infância e da adolescência, acontece que o adolescente ainda não completou este processo, e permanece com a necessidade de ser cuidado, sente-se despreparado para tal evento (SANTORO, 2004).

O jovem adolescente enfrenta uma dupla crise quando inesperadamente se depara com a paternidade, além do mais os homens em geral são pouco preparados para a função paterna, tendo em vista sua exclusão física e simbólica deste papel (SARMENTO, 2001).

Parece haver um certo preconceito em aceitar um pai adolescente, pois este é visto como inseqüente, impulsivo, irresponsável e aventureiro, mas existem autores com opiniões diferentes em relação a paternidade, eles afirmam que a paternidade não é um evento tão negativo na vida destes jovens, consideram esta circunstância um momento único que pode ajudar a aumentam o sendo de responsabilidade favorecendo o amadurecimento juvenil (LYRA , 1997).

Conceber a paternidade na adolescência como parte integral do processo gestacional favorecerá o nascimento de serviços que prestem assistência estes adolescentes que se percebem fragilizados na vivencia do processo gestacional e á

paternidade, circunstâncias estas esperadas no decorrer de suas vidas (CORRÊA, 2005).

Pesquisa realizada em 2000 mostra que muitos pais aparentam estarem envolvidos no processo da paternidade e estavam dispostos a ajudar no cuidado da criança (CARVALHO, 2000).

Existem paradoxos e tensões em torno dos significados da paternidade, que influenciam na forma como os homens se vêem a si próprios como pais e como praticam a paternidade (BUSTAMANTE e TRAD, 2005).

A paternidade na adolescência parece estar envolvida em um turbilhão de sentimentos e emoções que se confundem, pois ao mesmo tempo em que os jovens se percebem tomados por uma imensa satisfação, também experimentam o medo de perder a liberdade, percebendo-se obrigados a abdicar de certos prazeres em função deste novo status (CORRÊA, 2005).

A paternidade na adolescência pode acarretar pequeno impacto sobre a vida dos rapazes: a cena mais típica e povoada pelos casos em que eles decidem não assumir a gravidez ou a criança negando se a registra lá e a comparecer no seu sustento (HEILBORN et al, 2002).

Quando os adolescentes pertencem a classes sociais mais, abastadas a paternidade não muda, muito suas trajetórias de vida, pois estes têm uma estrutura familiar e financeira, que lhes darão apoio para enfrentar a paternidade sem abdicar de seus sonhos.

Os adolescentes que não assumem a paternidade podem ser oriundos de diferentes classes sociais, porém e mais freqüentes que a negação seja proveniente dos segmentos sociais mais, empobrecidos.

O diferencial de classe pode ser creditado à inclinação, mais aguçada dos jovens de classe populares de considerar a contracepção como um problema das parceiras, sobretudo quando são ocasionais (HEILBORN et al, 2002).

Os jovens proletários consideram a gravidez responsabilidade das garotas, existe uma cultura machista muito forte impregnada neles, e talvez seja por isso que delegam as adolescentes este ônus.

Em um estudo realizado no Rio Grande do Sul constatou - se que pais adolescentes assumiram a gestação da companheira continuando a conviver com ela após o nascimento do bebê, e em alguns casos passando a morar junto com ela,

o que contribuiu para um relacionamento próximo com o bebê (LEVANDOWSKI et al 2002).

Percebe-se que vários adolescentes têm uma responsabilidade moral na qual estão inclinados a assumir a paternidade e este ato implica numa maior responsabilidade, podendo inclusive ajudar na passagem para a vida adulta.

O estudo acima demonstrou que a paternidade na adolescência nem sempre assume um caráter negativo na vida dos jovens, dificuldades podem ser amenizadas pelo apoio familiar.

A paternidade foi percebida como algo enaltecido, trazendo satisfação aos jovens entrevistados, em outro estudo e também afirma que a maioria destes adolescentes precisa de ajuda de seus pais, para morar com eles ou morar num mesmo terreno (ALMEIDA e HARDY 2007).

A paternidade na adolescência nem sempre assume caráter negativo, e evidente que estes jovens enfrentam dificuldades com a função de ser pai, mas estas são superadas, quando existe apoio familiar mútuo (LEVANDOWSKJ e PICCININI, 2002).

Desde o início dos anos 80, a idéia de "novos pais" teve um sucesso crescente em inúmeros países ocidentais, a ponto de se tornar um conceito ordinário ao se falar em evolução das mentalidades masculinas, começou se a observar, mais detalhadamente as novas relações que estavam ocorrendo entre pais e filhos (TRINDADE e MENANDRO, 2002, DEVREUX, 2006).

A guarda compartilhada pouco conhecida em nosso meio, vem ganhando a simpatia de todos aqueles que buscam atender ao melhor interesse da criança, visando atender os novos paradigmas de comportamento em nossa sociedade, nela pai e mãe são igualmente importantes para os filhos de qualquer idade e, portanto essas relações devem ser preservadas para a garantia do adequado desenvolvimento infantil das crianças e adolescentes (COSTA, 2006).

Em março de 1997 foi constituída a APASE (Associação de pais e mães separados) em Florianópolis, sociedade civil sem fins lucrativos, e pioneira no Brasil, com dois objetivos principais:

- Formar grupos de auto-ajuda para a troca de idéias sobre procedimentos junto às Instituições Oficiais para resolver conflitos entre casais que estavam disputando judicialmente a guarda dos filhos.

- E difundir a idéia de que pais também podem e têm condições de criar filhos com dedicação idêntica à de mães.

Para Costa (2006, p. 2)

“É importante ressaltar que pai e mãe são conjunta, igualmente e simultaneamente, os sujeitos ativos do exercício do poder parental, como efeito da paternidade e da maternidade e não do matrimônio ou da união conjugal.”

A idéia de novos pais disseminou-se, com ligeiras diferenças no tempo entre um país e outro, em função de diferentes representações sociais ligadas aos papéis do pai e da mãe na educação dos filhos e, correlativamente, à legitimidade do trabalho profissional das mulheres e sua ausência de casa (DEVREUX 2006).

Na atualidade, surgiram novos valores relativos aos direitos dos homens, relacionados ao mundo privado, como a guarda compartilhada dos filhos, a responsabilidade pela saúde sexual e mútua do casal e o efetivo exercício da paternidade de forma completa (CORRÊA, 2005).

Ruben Alves (2002, p. 37) afirma que:

“Pai é alguém que, por causa do filho, tem sua vida inteira mudada de forma inexorável. Isso não é verdadeiro do pai biológico. É fácil demais ser pai biológico. Pai biológico não precisa ter alma. Um pai biológico se faz num momento. Mas há um pai que é um ser da eternidade: aquele cujo coração caminha por caminhos fora do seu corpo. Pulsa, secretamente, no corpo do seu filho (muito embora o filho não saiba disso)”.

Para o novo pai a paternidade é considerada uma oportunidade para expressar sentimentos, ele participa dos cuidados com os filhos, e tem uma relação igualitária e fluida com a parceira, que traduz a divisão de tarefas entre ambos (BUSTAMANTE e TRAD, 2005).

A maior participação das mulheres na vida pública, deve corresponder à maior participação do homem na vida privada, responsabilizando se também pela vida sexual do casal, criação dos filhos, partilha das atividades domésticas (LYRA, MEDRADO, 1999).

Tal discurso é um tanto contraditório, pois ao cobrando a participação masculina na esfera pública, pois ele é o provedor da família, o executivo de sucesso, como este mesmo homem pode participar do meio privado, realizando tarefas domésticas, dividindo o cuidado das crianças com a parceira.

Socialmente ao homem cabe o papel de provedor e a mulher de cuidadora, e por base nesta divisão sexual de trabalho, homens e mulheres têm

formas diferenciadas de cuidar, sendo que estes valorizam o cuidado com a integridade física da criança, a mulher valoriza a assistir esta criança nos aspectos de higiene, alimentação, educação (BUSTAMANTE e TRAD, 2005).

O paradigma de paternidade em que o homem se mantém distante da vivencia da gestação, assumindo – se como pai pela função de provedor, convive com o do homem que busca ser um novo pai, cujo vinculo afetivo é valorizado desde a gestação, representando possibilidades efetivas de rupturas com o modelo tradicional de pai (FREITAS et al, 2007).

As mudanças econômico-culturais transformaram significativamente as relações familiares, flexibilizando os papéis de pai e mãe, dada a saída da mulher para o mercado de trabalho, levando o homem a envolver-se mais nos cuidados com os filhos do que nas gerações passadas (YAMADA, 2006).

A nova paternidade na França é representada pelos pais de um primeiro filho pequeno, isto é, por homens que se tornaram pais recentemente, mas com o crescimento da criança ou com a chegada do segundo filho, retornarão ao modelo tradicional de divisão de tarefas com a mãe (DEVREUX, 2006).

Os pais franceses não se vêem, apenas como chefes de família com poderes absolutistas, distantes da família e dos filhos, mas eles fazem uma seleção de atividades e necessidades das crianças, camuflando o fato de que as mulheres continuam a assegurar a maior parte dessas atividades, especialmente a “guarda” diária das crianças (DEVREUX, 2006).

Alguns estudos têm mostrado que ao mesmo tempo em que se fala de um "novo pai" emergindo na sociedade e começando a representar um outro parâmetro de paternidade, percebe-se também que muitas vezes "esta nova face da paternidade não é compreendida e nem estimulada por parte das mulheres e da equipe de profissionais da saúde (Resende, 1995).

Ser pai e tarefa vitalícia é, sobretudo fornecer a criança ambiente seguro para se desenvolver, proteger e disciplinar quando necessário, e acima de tudo amar muito o filho e estimulá-lo para a vida (STOEBER, 2006).

É importante refletir que talvez para o homem a proximidade com o bebê seja difícil, pelo simples fato de, que desde pequeno, ele era excluído em algumas brincadeiras infantis consideradas femininas , assim afastado das tarefas cuidadoras sente dificuldades de assumi-las agora, pois considera-se incapaz de cuidar da criança (BORGATTO, 2000).

A infância das meninas é marcada pelas brincadeiras com bonecas, casinha, nota-se que existe uma idéia de prepará-las para serem mães e donas de casa, já os meninos devem brincar de carrinho, soltar pipas, jogar bolinhas de gude, a intenção é prepará-los para serem competitivos, independentes, livres capazes de entrar corajosamente no mundo publico, enquanto a mulher frágil resta o mundo privado e seguro.

A construção social de papéis é um processo que começa antes do nascimento onde mensagens sobre comportamento ainda são diferenciadas pelo sexo: “*garotos não choram, são fortes e corajosos, garotas são meigas, frágeis, femininas*”. Estas mensagens vem preparando a mulher para cuidar dos filhos e da casa, enquanto ao homem cabe buscar a independência, liberdade incluído o trabalho extra lar (LIMA, 2002).

Em um primeiro momento a maternidade é considerada como visível e segura e a paternidade é apercebida como obscura e incerta, a revelação da paternidade, que condiciona a sua legitimação, é um ato de poder (COSTA, 2002).

Assim, num segundo momento, uma vez legitimada, a paternidade acaba por assumir o papel principal na identificação do indivíduo.

Existe uma expectativa social em torno da paternidade, na qual esta implícita a idéia de virilidade masculina que se manifesta na idéia de viver a paternidade, pois esta garante ao homem o cumprimento de uma função social de reproduzir a espécie (FREITAS, et al, 2007).

Para o adolescente sua capacidade reprodutiva e comprovada através da paternidade e este adquire o status de macho viril e passa a ser considerado aos seus olhos e diante do grupo social a qual pertence como homem (CORRÊIA, 2005).

Também de acordo com esta autora a associação da idéia de reprodutor da espécie, ainda e socialmente conferido ao homem o reconhecimento de sua masculinidade por sua postura frente á reprodução e, também, por assumir funções de chefe de família.

Existem duas reações perceptivas com relação a paternidade, que é sentida ainda quando o bebê é imperceptível, e as reações dos homens vão da recriação da função paterna , com ênfase na afetividade , vinculando pai, mãe e filho, desde a noticia da gravidez, a sensação de virilidade masculina presente no desejo latente ou manifesto de ser pai (FREITAS et al, 2007).

Os homens só estão excluídos do ato de gestar e amamentar, podendo ser sujeitos co-participantes em todos os momentos, auxiliando, apoiando mãe e filho e fortalecendo os laços entre eles (RAMIRES, 1997).

A gestação funciona, para os pais, como um período de preparação para os novos papéis que deverão assumir, frente ao bebê e a tudo que ele irá exigir nota-se um expressivo envolvimento dos pais na gestação, tanto em termos emocionais como comportamentais (PICCININI et al, 2004).

A paternidade , sob o aspecto sociológico, direciona-se para a efetiva convivência, com características de afeto, respeito e demais direitos e deveres da ordem familiar(Souza, 2008).

METODOLOGIA

Referencial Metodológico

Desenvolvemos uma pesquisa de cunho qualitativo, buscamos uma compreensão do fenômeno estudado.

Segundo Minayo (1993, p.102)

“Numa busca qualitativa, preocupamos-nos menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão seja de um grupo social, de uma política ou de uma representação.”

Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam (CHIZZOTTI, 1995).

Essa abordagem permite que o pesquisador tenha uma maior interação com o sujeito, onde tanto um quanto o outro são construtores de um conhecimento que poderá ser usado em prol da população estudada, no caso os adolescentes.

Nesse tipo de pesquisa, são inúmeros os métodos de coleta de dados entre estes, citam-se como os mais conhecidos: a observação participante, a história de vida, a história oral e as entrevistas, as quais captam a subjetividade dos participantes, favorecem a intervenção dos agentes em sua realidade ou criam condições de transformar os contextos estudados.

A abordagem qualitativa deve contribuir para emergir a visão, os juízos e as observâncias a respeito dos fatos e das relações que compõem o objeto, do ponto de vista dos interlocutores, é preciso saber buscar aquilo que não se vê com tanta facilidade e para tal busca é necessário ter grande percepção crítica e ser capaz de valorizar o mundo simbólico e o seu questionamento (DEMO, 2004).

As características da pesquisa qualitativa são: Imersão do pesquisador nas circunstâncias e contexto da pesquisa, a saber, o mergulho nos sentidos e emoções; o reconhecimento dos atores sociais como sujeitos que produzem conhecimentos e práticas, os resultados como fruto de um trabalho coletivo

resultante da dinâmica entre o pesquisador e pesquisado, a aceitação de todos os fenômenos como igualmente valiosos e a constância e a ocasionalidade, frequência e interrupção, a fala e o silêncio, as revelações e o sigilo, a continuidade e ruptura, o significado claro e o que se mantém oculto (CHIZOTTI, 1991).

Pelo fato de a natureza do objeto do estudo exigir interação entre pesquisador e pesquisado para contextualizar as experiências, vivências, sentidos, utilizou-se a entrevista como uma técnica especial para a coleta de informações diretas dos sujeitos investigados neste caso universitários que foram pais na adolescência.

A entrevista na pesquisa qualitativa fornece dados básicos para a compreensão das relações entre os atores sociais e o fenômeno, tendo como objetivo a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos específicos (CERVO, 1996 ALVES, 1998).

A entrevista pode ser feita verbalmente ou por escrito, mas tradicionalmente incluem a presença direta entre os atores sociais e o pesquisador. Sua qualidade consiste em enumerar de forma mais abrangente possível as questões que o pesquisador quer abordar no campo, a partir de suas hipóteses advindas da definição do objeto investigado (MINAYO,1993).

A entrevista é um diálogo entre duas pessoas, iniciado por iniciativa do pesquisador, objetivando fornecer informações importantes para um objeto de pesquisa, centrado em temas importantes.

Essa relação entre entrevistado e entrevistador não é neutra, uma vez que foi utilizada para a coleta de dados de um estudo em questão.

O estudo focalizou a entrevista não estruturada, onde o entrevistado teve a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto sem perguntas diretas ou condições pré-fixadas pelo pesquisador.

Durante a entrevista também foram anotadas informações através do diário de campo, privilegiando registros que não aparecem na entrevista como choro, riso, silêncio, caretas entre outros e que podem ser objetivos ou subjetivos em cada entrevista (CORRÊA, 2005).

Foram realizadas as entrevistas com jovens universitários, tendo como critério deste estudo que estes estivessem na época da coleta de dados, cursando

ou tendo cursado uma graduação em diferentes cursos da UNIPAM - Centro Universitário de Patos de Minas.

Foi elaborada uma questão norteadora para iniciarmos a entrevista: “*Me fale de sua experiência de ter sido pai na adolescência*”. Algumas questões como: “você assumiu a paternidade?”; “você mantém algum tipo de relacionamento com a mãe de seu filho?” “Você convive com o seu filho?” “Você recebeu alguma orientação sobre sexualidade?”. Tais questionamentos poderiam ser abordados durante a entrevista se os entrevistados nada mencionassem a esse respeito, de forma a conhecermos melhor a vida pessoal e social dos jovens pais.

Campo de Investigação

No sentido de aproximação do contexto onde será realizada a pesquisa comentaremos sucintamente sobre as características gerais do município de Patos de Minas – MG.

Patos de Minas está situada na região intermediária às regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, considerada pólo econômico regional, lidera a microrregião do Alto Paranaíba que é composta por 10 municípios.

A população do município é de 123.811 habitantes (IBGE - senso 2000), a cidade ganhou projeção nacional através da Festa Nacional do Milho, realizada no mês de maio, movimentando vários setores da economia.

Saúde e educação

Já a área da saúde é destaque no Estado de Minas Gerais e no Brasil, devido, entre outros fatores, aos programas desenvolvidos, aos postos de assistência localizados em áreas estratégicas e aos baixos níveis de mortalidade infantil

registrados, os hospitais particulares e públicos tem capacidade de 300 leitos. A rede escolar possui boa infra-estrutura, entre escolas estaduais, municipais e particulares, do ensino infantil ao 2º grau e do profissionalizante ao universitário, em 2000 a rede municipal atendia mais de 10 mil alunos e a evasão escolar era quase nula. Considerada pólo educacional, a cidade é sede da 28ª Superintendência Regional de Ensino que abrange 14 municípios.

UNIPAM

A primeira Faculdade do Centro Universitário de Patos de Minas foi criada em 1970, tendo iniciado cinco cursos: Ciências Biológicas, História, Letras, Matemática e Pedagogia, atendendo a pouco mais de 200 alunos, no turno noturno, hoje, três décadas depois, o UNIPAM funciona nos três turnos, oferecendo 21 cursos de graduação, nas áreas de ciências humanas, ciências exatas, ciências biológicas, ciências da saúde, ciências agrárias e letras, além de vários cursos de pós-graduação e de extensão universitária. Seu corpo discente atual totaliza uma população que ultrapassa 4.500 alunos, todo esse crescimento, iniciado em 1970, exigiu a criação de uma complexa estrutura física e administrativa, que hoje constitui o campus em que se acha instalado o UNIPAM.

Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são jovens que foram pais na adolescência e estudam no Centro Universitário de Patos de Minas UNIPAM sendo que cursam graduação em agronomia, administração de empresas e enfermagem.

A escolha dos sujeitos baseou-se na afirmativa de Minayo (1996), que a pesquisa qualitativa trabalha com pessoas, atores sociais, em relação a grupos sociais e privilegia os atores sociais que detém os atributos que se pretende

conhecer, efetuando entrevistas em número suficiente para permitir certa reincidência de informações garantindo que estas contenham o conjunto das experiências e expressões de vários elementos informantes.

Coleta de Dados

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Franca, sob o número 001130/80 e logo após esta aprovação iniciamos as entrevistas.

A pesquisa foi autorizada pelo Reitor : Prof. Ms . Raul Scher do Centro Universitário de Patos de Minas–UNIPAM.

Os entrevistados foram esclarecidos sobre o desenvolvimento da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sabendo que suas identidades seriam mantidas em sigilo.

As entrevistas foram gravadas, com o consentimento prévio dos entrevistados, deixando-os falar sem delimitar tempo, pois alguns de nossos entrevistados tinham uma certa timidez.

Análise dos dados

A análise dos dados foi feita através da Análise de Conteúdo, que é um conjunto de técnicas para a análise da comunicação, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos a descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção /recepção destas mensagens (BARDIN apud MINAYO, 1996).

Várias técnicas foram propostas para a análise de conteúdo, sendo que neste estudo, será utilizada a modalidade “análise temática” que constitui -se numa das formas que melhor se adequou ao estudo qualitativo.

Para operacionalização desta proposta seguimos os passos propostos por Gomes (1994):

“Ordenação de dados (transcrição das gravações e releitura do material, organização dos relatos); classificação dos dados (elaboração dos núcleos de sentido) e análise final (quando são estabelecidas as articulações entre os dados e as teorias).”

Todos os sujeitos de nossa pesquisa foram os que se apresentaram como voluntários, aceitando falar sobre sua experiência de terem sido pai na adolescência.

Resultados e Discussão

Os resultados da análise do conteúdo das falas são apresentados a seguir de acordo com a seqüência das unidades de significados e com alguns recortes de transcrições destas falas. Evidenciaram-se dois núcleos de sentido:

Entre o choque e o afeto; 2- Orientação sexual e contracepção.

Entre o choque e o afeto.

Neste núcleo de sentido vamos retratar o impacto da notícia da gravidez da parceira e a realidade de ser pai. Os sujeitos de nossa pesquisa relatam as mudanças em suas vidas, novas responsabilidades e até a imaturidade em relação a ser pai.

Os adolescentes tinham uma idéia vaga das possíveis modificações pessoais decorrentes do nascimento de seu filho, não conseguindo expressar claramente em que aspectos estas ocorreriam, muitas vezes acreditando que não seriam tão radicais quanto comumente se fala, como podemos perceber nas falas a seguir:

E1- *A vida muda, parece que a gente tem que ser mais responsável.*

E2- *É muita responsabilidade (risos), sei lá, eu sai de um lugar que não há preocupação com nada, só se preocupa com a sua vida, mais de repente você tem que saber que outras pessoas dependem de você, quer dizer uma responsabilidade que veio rápido demais e que no começo é complicado.*

Predominou nestas falas a incerteza quanto a si mesmos no futuro, uma dificuldade de imaginar as modificações impostas pela nova vida, que poderia refletir uma dificuldade de pensar além da experiência da gravidez ou até mesmo o desconhecimento da situação; por serem naquele momento todos futuros pais, tais mudanças exigiam posturas de adulto e nem sempre eles se achavam aptos a tal atitude.

O nascimento de um filho na adolescência representa uma etapa de passagem para a vida adulta, essa etapa possui marcas pela diferenças de posição social dos indivíduos e mostra significados próprios para cada um (AQUINO, ACÁCIA, 2006).

A gestação e o nascimento constituem para a mulher e para o homem fases de mudanças, com transformações e inseguranças que acompanham o desenvolvimento de novos papéis e responsabilidades antes ignoradas, entre estas, as responsabilidades relacionadas com o filho, com o lar e família (FREITAS, 2007),

Na fala de um dos jovens entrevistado percebemos que ele se considerava jovem demais para ser pai e para reforçar seu discurso, afirmava a suposta autoridade da mãe sobre si, quando esta lhe impunha horários para chegar em casa:

E-3- *Ah! No início foi muito complicado porque eu era muito novo, com 17 anos, minha mãe deixava eu sair, mas meia noite tinha de estar em casa, assim foi muito difícil por causa do momento.*

De maneira geral, notou-se na fala dos entrevistados, imaturidade ao se colocar como pai, talvez porque projetar-se como pai irá colocá-los na realidade das responsabilidades que terão de assumir e pelas quais não se sentem preparados.

As dificuldades para os jovens pais são muitas: eles recebem menos informações sobre gravidez que as companheiras e participam menos desta fase; alguns adolescentes passam por dificuldades financeiras familiares e não tem uma profissão que os capacite a um bom trabalho, tais fatos podem contribuir para que poucos possam assumir e concretizar a responsabilidade pela paternidade (CARVALHO, BARROS, 2000).

Para alguns homens, na experiência da paternidade pode ocorrer um distanciamento do processo de gravidez, com a possibilidade desta se manter mesmo após o parto, estando relacionada com a ambivalência deste período, ou imaturidade do parceiro (FREITAS, 2007).

A gravidez na adolescência pode ser inesperada ou programada, pode resultar em vínculos com separações posteriores ou mesmo em relações estáveis e duradouras, pode resultar em uma paternidade responsável, mas pode também não resultar em nenhum vínculo (HEILBORN et al, 2002).

Dois sujeitos da pesquisa demonstraram a satisfação de ser pai, mesmo que esta paternidade tenha aumentando suas responsabilidades, o amor e o afeto estão presentes nas seguintes falas com relação ao filho:

E-1-*Tenho muito contato com meu filho, vejo ele 3 vezes por semana, é um menino lindo de quatro meses , ri quando eu joga ele pra cima...*

E-2-*Vivo com meu filho, é um menino carinhoso tanto comigo quanto com a mãe, meu filho não tem defeitos (risos).*

Almeida e Hardy (2007, p. 571) evidenciaram em seu estudo, com pais adolescentes, que:

“Após o nascimento do bebê a paternidade foi percebida como algo enaltecido e que trouxe satisfação aos entrevistados”.

Para Costa (2002, 42).

“Os jovens tentam viver a experiência do ser pai, rompendo estereótipos do passado e se aproximando dos aspectos afetivos dessa relação no presente, de modo que ser pai é compreendido como ser provedor está dando espaço para a emoção e o afeto”.

Muitos jovens estão se conscientizando e assumindo a paternidade de modo mais responsável, valorizando a importância de sua participação na vida e na vida dos seus filhos.

A paternidade pode ser considerada uma oportunidade para expressar sentimentos e participação ativa no cuidado dos filhos (CARVLHO, BARROS, 2000)

Para alguns adolescentes uma criança é considerada muito importante, às vezes elas estão na base da fundação da família, porque eles entendem que assim deve ser ou também por praticidade (BUSTAMANTE e TRAD, 2005). Tanto que para um de nossos entrevistados a união foi precipitada pela gravidez como podemos observar em sua fala:

E-2- *Eu já tinha praticamente casado, então quando ela ficou grávida a gente já era noivo, então tava meio previsto, mas foi meio prematuro, mas não foi nada fora do que a gente tinha planejado da nossa vida não”.*

No entanto, existe certa contradição neste discurso, em um momento parece que tudo estava bem definido, previsto, entretanto nosso entrevistado se trai quando usa o termo *prematuro*.

Alguns pais adolescentes assumem a gestação da parceira e continuam a conviver com ela após o nascimento da criança o que ajuda a manter um relacionamento próximo com a criança (LEVANDOWSKI, PICCININI, 2002). A fala a seguir mostra esta realidade:

E-3- *Vivo com meu filho, é um menino carinhoso tanto comigo como com a mãe.*

Independente de ser adolescente os pais na atualidade estão tendo de refletir a paternidade, questionando antigos valores e definições, abrindo-se a possibilidade de uma nova forma de vivenciar este papel. Ser pai atualmente é, certamente, caminhar por um terreno desconhecido, antes e depois do nascimento dos filhos.

As referências passadas, não são mais suficientes para dar conta das demandas da paternidade na atualidade. Reinventar e redefinir o lugar do pai na família e na sociedade é certamente um dos grandes desafios dos homens e mulheres da contemporaneidade (BORNHOLDT, WAGNER, STAUDT, 2007).

Na fala de um dos entrevistados percebeu-se, no entanto, um distanciamento em relação à filha, consideramos esta fala importante, pois percebe-

se que nela existe uma dificuldade de entender a paternidade, porque o entrevistado não sabe como deve ser um “modelo de pai”.

E-3- *“Minha adolescência foi meio conturbada, devido eu viver numa família com minha mãe e um padrasto alcoólatra “.*

A criança precisa do par conjugal para construir dentro de si a imagem positiva das trocas afetivas e da convivência (GOMES, RESENDE, 2004).

Ainda segundo estes autores, a experiência da paternidade depende da relação vivida entre pai e filho no passado, que influencia o modo como o jovem compreende e assume a sua masculinidade, para sua realização como pai. Ele busca referências em seu próprio pai, encontrando, muitas vezes, o modelo de pai distante e pouco envolvido afetivamente. Este referencial de masculinidade ainda hegemônico faz com que o filho incorpore esse modelo, construindo uma subjetividade distanciada da valorização do afeto.

E-3- *Eu vejo minha filha uma vez por ano.*

Evidenciamos que para este jovem entrevistado, não houve uma experiência positiva de paternidade, o que o leva a visitar a filha uma vez por ano, com colocado acima.

Segundo Pereira e Silva (2006.p 34):

“Para a criança, a segurança está vinculada à certeza do amor e do acolhimento; a aceitação incondicional por parte dos pais é um elemento importante do amor”.

Outro aspecto importante a ser destacado refere-se à continuidade dos estudos, após a experiência da paternidade.

Observou-se que esta pode interferir na vida acadêmica no sentido de retardar o curso destes estudos ou até impedi-los completamente:

E-1- *Não interferiu não, minha família me apoiou...*

Para estes entrevistados a paternidade interferiu negativamente nos seus estudos, seja numa dedicação menor aos mesmos ou numa completa incompatibilidade de conciliação. Notou-se durante a entrevista na fala do jovem E3 um tom de revolta, pois sua precariedade financeira não permitiu a associação do pagamento da pensão alimentícia para a filha e as mensalidades da faculdade.

A paternidade na adolescência pode provocar entre os rapazes das classes populares uma necessidade de maior compromisso em trabalhar, mas isso não muda a natureza desta relação com a necessidade de trabalhar desde muito cedo, muitas vezes abandonando a escola, lutando contra o desemprego e assumindo os empregos disponíveis e da melhor maneira possível no âmbito de suas duras condições materiais de existência.

A situação de classe e os constrangimentos de gênero são mais relevantes para a trajetória escolar e de trabalho dos adolescentes do que a ocorrência ou não da paternidade nessa fase da vida (HEILBORN et al, 2002).

Para um dos participantes do estudo a paternidade não foi empecilho à continuidade dos seus estudos, pois ele tinha o apoio familiar.

E-1 - Não interferiu não, minha família me apoiou...

A paternidade adolescente nas classes médias causa pequeno impacto nos projetos e trajetórias escolar e profissional do sujeito, não há comprometimento nos estudos nem aceleração ao ingresso no mercado de trabalho (HEILBORA et al, 2002).

Sabe-se que os avós são importantes para a nova família, quer porque prestam apoio emocional, quer por se preocuparem com a família ou ainda porque ajudam nas necessidades materiais e financeiras. Contribuem também com a experiência de vida para resolver situações difíceis para os jovens pais (DESSEN, BRAZ, 2000).

Muitos jovens que ainda não garantem seu auto-sustento continuam a receber mesada e ter seus cursos superiores pagos pelos pais (HEILBORA et al, 2002).

A paternidade não é concebida apenas como *fazer filhos* ela está relacionada também à capacidade de sustentá-los e educá-los. Sustentar os filhos é uma responsabilidade considerada socialmente como masculina o que coloca o

trabalho remunerado dos homens como referência fundamental nas concepções sobre paternidade e masculinidade (COSTA, 2002).

Na adolescência a gravidez, maternidade e paternidade ocorrem inesperadamente acarretando uma série de episódios negativos que vão interferir no processo de crescimento e desenvolvimento de alguns adolescentes; na aceitação ou rejeição familiar e dos amigos e na existência de restrições sócio-econômicas (CANO, 2007).

Em nossa pesquisa, neste núcleo de sentido, os entrevistados mostraram sua preocupação com o futuro, por sentirem que a partir da gravidez da parceira deveriam assumir responsabilidades e que a vida mudaria. Um dos entrevistados se considerava muito jovem para ser pai, mas demonstrava afeto pelo filho.

Verifica-se ainda que o apoio familiar passa a ser decisivo para a aceitação da paternidade, principalmente quando existe a colaboração financeira que permite entre outras coisas a continuidade dos estudos.

Orientação Sexual e Contracepção

Este é o segundo núcleo de sentido de nossa pesquisa e pelas falas dos sujeitos percebe-se que eles não receberam educação sexual de seus pais, seu aprendizado foi direcionado pela observação e informações de revistas e jornais, relatos de amigos, de pessoas mais experientes, parentes e às vezes na escola, mencionada apenas como local de informação entre amigos, como podemos ver a seguir:

E-1- Hum! Eu sempre fui curioso a respeito de sexo, sou bem informado, meus amigos e as revistas me ajudaram com as dúvidas, minha família indiretamente, eram... Assim indiretas, sabe...

E-2- Olha, a única orientação que eu tive foi na rua, o que eu aprendi foi em conversa, até na escola, mais entre amigos, de pais assim, não tive nada.

E-3 - Assim eu não tive orientação sexual, porque até então minha mãe não falava, então assim tudo que eu aprendi começamos a ver no mundo, na sociedade

em que morávamos, e tinha sempre um contato nosso com algo que falava sobre,...Pelas revistas, jornais, colegas, pessoas mais velhas ou mais jovens, tios.

Na vida sexual e afetiva dos adolescentes, existe uma convivência do pai e outros parentes masculinos no sentido de incitar o exercício da sexualidade, mas sem muitas orientações, apenas informações (HEILBORA et al.,2002).

No modelo sociocultural vigente o conflito que se torna, mais evidente neste processo de mudança social é aquele relacionado com a sexualidade dos adolescentes e na busca do exercício pleno desta sexualidade; levando ao início prematuro da atividade sexual, sem orientação adequada ou mesmo ausente, tanto a respeito de métodos contraceptivos como da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (aids), o que tem contribuído para o elevado número de gravidezes e paternidades indesejadas, abortamentos, com repercussões emocionais, orgânicas e socioeconômicas importantes (MOSER, REGGIANI, URBANETZ, 2007).

Este início de atividade sexual precoce favorece o aumento do número de gestações na adolescência e a complicação que mais se associa a ela trazendo danos físicos e emocionais, é o aborto que se constitui na 10ª causa de óbito entre adolescentes brasileiras (RODRIGUES et al.,1993).

Carvalho e Barros (2000) apontam que em São Paulo, em 1996, nos hospitais do SUS foram internadas 53.215 adolescentes com história de abortamentos incompletos necessitando serem submetidas à curetagem ginecológica.

Um artigo na Folha de São Paulo (2001, p. 18) esclarece que:

"o melhor método anticoncepcional para as adolescentes é a escola, pois quanto maior a escolaridade, menor a fecundidade e maior a proteção contra doenças sexualmente transmissíveis".

Com relação à escola, os pais tentam transferir para ela a responsabilidade pela discussão das questões de orientação sexual com os adolescentes por entenderem que os professores estão mais preparados do que eles para essa discussão.

Os professores também se sentem despreparados para orientar seus alunos, muitos são procurados especialmente os de educação física e biologia por alunos que querem esclarecer algumas dúvidas pessoais. São poucas ainda as escolas que desenvolvem programas de orientação sexual aos seus adolescentes. De maneira geral o adolescente acaba ficando sem uma fonte segura para discutir as questões de sexualidade (CANO, FERRIANI, 2000).

A família não tem ainda um papel relevante para orientação sobre sexualidade com seus adolescentes, este fenômeno pode ser decorrente de uma série de fatores, entre os quais se destacam a omissão e/ou despreparo dos pais.

Para Bocardi (1997), os pais sentem dificuldade em abordar as questões de sexualidade junto aos filhos por medo de um diálogo franco e aberto. Eles têm receio de que esse diálogo possa propiciar ou indicar para os jovens que eles já estão prontos para iniciar sua vida sexual.

Por outro lado o fato de o pai e a mãe serem trabalhadores obriga-os a um convívio muito limitado com os filhos, o que não oferece espaço para um diálogo e discussão das questões relacionadas à sexualidade (FELIZARI, 1990).

Segundo Suplicy (1991, p. 128):

“A questão da sexualidade mudou tão rapidamente, nas últimas décadas, que deixou os pais meio perdidos, antigamente as famílias não tinham muitas dúvidas em saber o que era certo ou errado o que podiam permitir ou não, hoje vivemos um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais”.

Com relação à anticoncepção as informações fornecidas pelos sujeitos de nossa pesquisa, mostraram que eles quando adolescentes não tinham como hábito o uso de qualquer método contraceptivo antes da ocorrência da gravidez, eram as parceiras que esporadicamente se preveniam. Embora eles afirmem que a prevenção da gravidez é função dos dois:

E-1 - *Em minha opinião é responsabilidade do casal.*

E-2 - *É dos dois, não adianta falar que é só da mulher porque ela toma anticoncepcional, não, é dos dois, se ela não lembrar, o outro ele não tem consciência... não escapa.*

A idéia de que a gravidez na adolescência é resultante da falta de informação sobre métodos contraceptivos ainda é bastante corrente, tanto na literatura quanto no senso comum, nesta perspectiva, para solucionar tal problema bastaria uma boa orientação e discussão com os adolescentes sobre o uso correto dos métodos contraceptivos bem como a garantia de acesso aos mesmos (CABRAL, 2003).

Embora os participantes do estudo concordem plenamente que a contracepção seja responsabilidade do casal, delegaram às suas parceiras este ônus, pois eram elas que tomavam o anticoncepcional. Ainda se mantém o antigo padrão de atribuição de responsabilidade reprodutiva a parceira (TRINDADE, MENANDRO, 2002).

O entrevistado a seguir, fica na dúvida se a responsabilidade é de fato dos dois com podemos observar em sua fala:

E-3- *É mutua, é dos dois, assim...Eu acho. Minha namorada tomava comprimido às vezes...*

Existe uma série de dilemas e contradições em torno do controle sobre a gravidez entre as adolescentes, por um lado, cabe às mulheres exercer o controle sobre a concepção: os métodos anticoncepcionais são predominantemente voltados para as mulheres e como a gravidez ocorre no seu corpo, elas são consideradas mais responsáveis por esse controle (ALTMANN, 2003).

É interessante notar que nossos entrevistados de certa forma desconfiavam que suas companheiras pudessem estar grávidas, o que coloca em cheque o uso dos contraceptivos, que segundo eles mesmos já afirmaram deveria ser uma preocupação dos dois.

E-1 *Eu já desconfiava da gravidez dela, depois ela me falou que estava sentindo tonturas, marcou uma consulta com a medica , e ficou sabendo... Mas pra mim não foi surpresa não.*

E-2 *Primeiro, quando eu peguei os exames, deu pra eu ver que não tinha mais jeito que eu ia ser pai, aí eu pensei meu pai e a mãe dela iam me matar.*

E-3 *Foi aí que me deu aquele frio na barriga.*

Ao mesmo tempo em que havia a desconfiança da gravidez, sua constatação pelos participantes da pesquisa parece ter pegado alguns de surpresa, percebe-se certo medo pelo fato incontestável da paternidade.

Nas falas do E2 e E3 evidenciou-se que a notícia da gravidez da parceira causou abalo, medo, notou-se um despreparo natural em decorrência da idade para lidar com a nova situação.

Por outro lado, os relatos dos informantes deste estudo, são bastante preocupantes, mostrando negligência em relação à prevenção da gravidez e também das DSTs.

É curioso, pois nota-se que, mesmo após o advento da AIDS e com inúmeras campanhas no sentido da utilização do preservativo, este ainda traz dificuldades para a esfera da relação dos parceiros, pois nas falas dos entrevistados quando se utilizou algum método nas relações sexuais o escolhido foi a pílula.

E-3 *Minha namorada tomava comprimido às vezes.*

Cano et al (2007) em estudo realizado com jovens universitários na cidade de Franca-SP, encontraram que 66% dos entrevistados faziam uso do preservativo em suas relações sexuais, os demais responderam “que não” ou “às vezes” e outros não responderam a esta questão.

Percebeu-se que apesar de toda a informação já veiculada sobre a Aids, mesmo aquelas que amedrontam; o conhecimento adquirido sobre o vírus e o modo de transmissão ainda não permitiu aos jovens uma mudança de comportamento para o uso do preservativo (CANO et al. 2007).

O comportamento contraceptivo dos adolescentes é marcado por dificuldades para usar adequadamente os métodos anticoncepcionais, especialmente em vista da maior imprevisibilidade das relações sexuais nesse grupo (ALMEIDA, HARDY, 2007).

Nas falas dos sujeitos podemos evidenciar o quanto é necessário abordar a questão da vulnerabilidade na adolescência, ela passa por planos distintos, ao enfocar o plano individual, o qual está relacionado aos comportamentos geradores

de oportunidades que os jovens têm de correr riscos como a aquisição do vírus da aids ou uma gravidez ou paternidade indesejada (AYRES, 1996).

Nas falas de nossos entrevistados podemos notar o quanto eles se deixaram ao acaso, expondo-se a situações de risco relacionadas à paternidade e a doenças sexualmente transmissíveis uma vez que em nenhum momento referiram o uso do preservativo em suas relações sexuais.

Os adolescentes têm um contato incipiente com os serviços e programas de saúde, tornando-se também vulneráveis socialmente, pois as informações que estes serviços podem oferecer não chegam para a maioria deles e isto impede o diálogo e a criação de espaços de discussão para tornar os jovens mais preparados a implantar sua proteção e a contenção de problemas relacionados à sua sexualidade (AYRES, 1996).

A vulnerabilidade programática refere-se às ações institucionais desenvolvidas por órgãos governamentais no planejamento e execução das ações com qualidade, continuidade e avaliação (AYRES, 1996).

As instituições sociais pouco ou quase nada oferecem aos adolescentes que se tornam pais, prova evidente deste fato é que não existe para os jovens o profissional equivalente ao ginecologista das adolescentes, que poderia orientar, ouvir os rapazes e esclarecer as dúvidas relacionadas a sexualidade (LYRA, 1997).

Em termos de ações institucionais, a resposta brasileira, à complexa crise gerada pelo advento da aids, considerou a prevenção entre as populações vulneráveis como uma preocupação permanente das instâncias governamentais.

O Programa Nacional de DST/AIDS, seguindo os entendimentos internacionais sobre a doença incluiu todas as populações ditas vulneráveis em seus programas, entre elas os adolescentes (GUIMARÃES, HAMANN, 2005).

A vulnerabilidade não se limita apenas ao indivíduo ou seu estilo de vida devendo-se considerar as condições que lhe são oferecidas tanto familiares com educacionais, sociais e culturais.

Entendemos que é necessária uma rede de apoio para os adolescentes que se tornam pais visando que se assumam como sujeitos de suas histórias, que envolve agora a presença marcante de um filho que precisa de um contexto humano acolhedor para seu desenvolvimento.

De maneira geral neste núcleo de sentido, a contracepção utilizada foi a pílula anticoncepcional, que é uma responsabilidade feminina, embora nas falas dos entrevistados, esta é de responsabilidade do casal.

O preservativo masculino, não foi citado em nenhum momento e a orientação sexual foi baseada em jornais, revistas, amigos. A família e a escola como provedoras de orientação estão ausentes de suas falas.

Estes jovens estavam vulneráveis tanto individuais como socialmente, o que resultou em uma paternidade precoce.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei este estudo confesso que percebia os adolescentes de forma estereotipada , pois os considerava imaturos, imprevisíveis e volúveis , achava - os despreparados para assumir as responsabilidades que a paternidade impõe, entretanto notava também que adolescência é uma fase atípica na vida dos seres humanos e esta implica numa transição da infância para torná-lo adulto, é marcada pela contestação de valores, idéias revolucionárias para mudar o mundo, sendo que estas estão sempre cercadas de boas intenções .

Esta pesquisa nos permitiu um enfoque no universo dos adolescentes e perceber como eles lidam com a paternidade, nos auxiliou a focar a paternidade adolescente correlacionando-a com a trajetória acadêmica dos jovens que participaram da pesquisa.

Na primeira fase da pesquisa, li e reli vários autores, que enfocavam os adolescentes de forma diversa , existia o enfoque negativo no qual os adolescentes eram vistos como instáveis, imprudentes e ousados , estando portanto sujeitos a oscilações de conduta.

Existe para a maioria dos adolescentes um sentimento de onipotência juvenil, pela qual se sentem protegidos e seguros de que nada de mal pode lhes acontecer, há uma ânsia de experimentação, uma pressa desenfreada pela vida, de viver sem medo, esta tendência pode tornar o adolescente vulnerável a diversos acontecimentos, dentre estes destacamos as relações sexuais que são cada vez , mais precoces sem uso de preservativos, causando o aumento das doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, aborto, maternidade e paternidade .

Já outros autores sustentavam idéias em que os adolescentes estão enfocados como : Corajosos, determinados e criativos, ou seja capazes de mudar seu destino e assumir a responsabilidade por seu destino e pelo destino dos outros, estão aptos para constituir família e serem pais.

Neste primeiro momento ainda me encontrava dividida entre minhas idéias e as novas ideologias que me eram apresentadas.

No decorrer deste estudo particularmente quando iniciei as entrevistas como os adolescentes , tive a oportunidade de conhecer seu mundo, seus sonhos , idéias e seus projetos para o futuro.

Foi uma experiência enriquecedora conhecer pessoas tão animadas, otimistas e determinadas, tive também oportunidade de compartilhar deste universo tão rico , e eclético e percebe -los como autores principais de sua própria estória.

Notei uma mudança de paradigma em meu olhar , sentir e agir, e conseqüentemente passei a me envolver neste mundo de forma condescendente e , mais terna, posso dizer sinceramente que me despi de seus preconceitos.

Percebi que os adolescentes necessitam de compreensão e que são capazes sim, de assumirem a paternidade mesmo estando cursando uma graduação, se estiverem sustentados por um apoio familiar constante ,.

Evidenciamos tal argumento pela seguinte fala.

E-1- a paternidade , *Não interferiu não, nos meus estudos a minha família me apoiou*

O apoio familiar é destacado pela maioria dos autores estudados como suporte essencial para que os adolescentes possam assumir a paternidade, apesar de eventuais dificuldades estruturais e pessoais, muitos pais adolescentes parecem conseguir superá-las se tiverem apoio familiar (LEVANDOWSKI, PICCININI, 2002).

Considero que esta pesquisa foi importante, pois favoreceu uma mudança de conceitos, sendo capaz de despertar , tolerância, compreensão e sensibilidade para perceber o pai adolescente como responsável e cuidador de seu filho.

Como profissional da saúde , enfermeira, docente atuando da área de Neonatologia e Pediatria , passei a observar , mais detalhadamente como os pais adolescentes lidam com seus filhos e notei que eles tem uma alegria genuína , quando são convidados a participar dos cuidados com seus bebês .

Tal observação também è confirmada quando entrevistamos um jovem que foi pai na adolescência.

E-2- *Vivo com meu filho, é um menino carinhoso tanto comigo quanto com a mãe, meu filho não tem defeitos..*

Pode-se evidenciar pela fala acima que existe uma relação de afeto intensa deste pai com seu filho e percebe-se também um distanciamento do modelo de pai provedor, para uma aproximação do modelo do novo pai, este se destaca pelo cuidado e afeto dedicados ao filho.

Acredito que esta pesquisa tenha despertado mudanças e que as mesmas possam ser repassadas aos profissionais de saúde, e aos estudantes e desta forma, possamos prestar uma assistência, mais humanizada aos pais adolescentes.

O exercício da paternidade por adolescentes pode ser uma experiência positiva plena de emoções nas quais se destacam o apego, o afeto e cumplicidade com o filho e se estes tiverem o apoio familiar podem ser bons pais independente da fase de transição pela qual estão passando.

Referências Bibliográficas

ADAMO, F. A. Sexualidade: alguns aspectos. In: SAITO, M. I; SILVA, L. E.V. (org.). Adolescência: prevenção e risco. São Paulo: Atheneu, 2001. cap.11, p.115- 119.

Aguinaldo José da Silva Gomes; Vera da Rocha Resende: O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Revista de Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v.20; n.2.Brasília: maio /agosto.2004.

ALMEIDA, Fastino; ANECY, Fátima de. HARDY, Ellen. Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. **Revista de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.41, n. 4, p . 571, abr. 2007.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, V. 9, n.2, p. 00, abr. 2001.

ALVES, J.A.L. **Os direitos Humanos como Tema Global**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

ALVES-Mazzotti AJ, Gewandsznajder F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira; 1998.

ALVES, Rubem. **Um Mundo Num Grão de Areia: o ser humano e seu universo**.Campinas. São Paulo: Verus, 2002, p. 37.

Amazarray, M. R., Machado, P. S., Oliveira, V. Z., & Gomes, W. B. (1998). A experiência de assumir a gestação na adolescência: um estudo fenomenológico. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, 11, 1-10.

ASSUMPÇÃO JUNIOR, F.B. Introdução a adolescência. In: SCIVOLETTO, S. (org). **Manual de medicina da adolescência**. Belo horizonte: Health, 1997. cap. 1, p. 15- 25.

ARILHA, M. Homens, saúde reprodutiva e gênero: o desafio da inclusão. In: GIFFIN, K; COSTA, SH. (org). **Questões de saúde reprodutiva**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; 1999. p 455-67.

AQUINO, M. L.; Estrela Dias; B. Acácia. Maternidade e paternidade na adolescência: Algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v, 22, n, 7, p.1447-1458 , jul.2006.

AUXILIADORA, Maria; DESSEN, Marcela; PEREIRA, Braz. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Revista Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília v.16, n. 3, set./dez. 2000.

AYRES, JR. **Vulnerabilidade e avaliação de ações preventivas**. São Paulo: Casa de Edição, 1996

BARBOSA, Naime Alexandre. Tratamento de portadores de HIV/AIDS: incentivo a atenção multiprofissional. **Rev. Racine**. São Paulo, v 30, n 40 p.120, out. 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde , **Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde** (DATASUS). Disponível em <<http://portal.saude.gov.br> Acesso em : 05 jun. 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990). 14 ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

BOCARDI, MIB. **A gravidez na adolescência**: o parto enquanto espaço do medo. Ribeirão Preto. 1997. 210 f. Dissertação (Mestrado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

BORGATTO, Menezes, Flávia. **Paternidade**: Estudo dos sentimentos dos pais frente ao nascimento do (a) primogênito (a). 2000. 36p. Monografia (Psicologia) - Universidade de Franca. Franca, 2000.

BORNHOLDT, A.E.; WAGNER, A.; STAUDT ,P.C.A. Vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. **Rev. Psicologia. clinica.** v.19 n.1, p. 58, 2007.

BUSTAMANTE, Vânia. TRAD, B. A. Leny. Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. **Caderno Saúde Pública** , Rio de Janeiro, nov / dez 2005.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de; ALMEIDA, Paulo Henrique de. Família e proteção social. **Perspectivas**. São Paulo, v.17,n.2, abr./jun.2003.

CARSSOLA, R. M. S. Jovens que tentam suicídio: antecedentes mórbidos e de condutas auto-destrutivas, um estudo comparativo com jovens normais e com problemas mentais. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. São Paulo. v. 33, n. 2, p. 93-98, 1984.

CABRAL,C.S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro . **Cadernos de Saúde Pública** ,Rio de Janeiro , 2003 Suplemento.,p. 283- 292.

CANO, Maria Aparecida T.; FERRIANI, Maria das Graças C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista Latino Americana de enfermagem**. Ribeirão Preto, v.8, n.2, p.22, abr. 2000.

CANO, M.; ZAIA, JE; NEVES, FRA; NEVES, LAS. O conhecimento de jovens universitários sobre aids e sua prevenção. **Revista. Eletrônica de Enfermagem**, v.9, n.3, p.748-758, 2007.

CARVALHO, G.M.BARROS,S.M.O. Fatores psicossociais relacionados á gravidez na adolescencia. **Acta Paul Enf**.n1,v. 13, jan./ abr, 2000.

CERVO AL, Bervian PA. **Metodologia científica**. 4ª ed. São Paulo: Makron Books; 1996.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais** .São Paulo: Cortez.p. 40 – 60 .1991.

COSTA, RG. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. **Estudos Feministas**, v.10, n.3, p.39-56, 2002.

CONTINI,J.L. de Maria, KOLLER, H.S, BARROS,S.N,M. Adolescência e Psicologia: Concepções , práticas e reflexões críticas In: OZELLA, S. **Adolescência: Uma perspectiva crítica**..Brasilia, 2002. cap1.p.23.

COSTA, Antonio F. da; COSTA Maria de Fátima Barrozo da. Metodologia da pesquisa: Conceitos e técnicas. **Revista Interciência**. Rio de Janeiro, 2001. cap. 3. p. 46-6

COSTA, Rosely Gomes. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis.v.10,n.2,jul./out.2002.

COSTA M.C.O, Santos CAT, Sobrinho CL, Freitas JO & Ferreira KASL 2001. Indicadores de saúde materno-infantil na adolescência e juventude: sociodemográficos, pré-natal, parto e condições de nascidos vivos. **Revista Jornal de Pediatria** 7(3):p - 235-242

COLLI, S. A. Conceito de adolescência. In: MARCONDES, Eduardo; VAZ, Flávio. A. C. **Pediatria básica: Pediatria Geral e Neonatal**. São Paulo: Sarvier, 2003. cap.7. p. 655.

CORREIA, Áurea Christina de Paula. **Paternidade na Adolescência: vivências e significados no olhar de homens que a experimentaram**. 2005. Dissertação (Doutorado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2005

CORRÊA, Sonia; VENTURA Miriam. Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. **Cadernos de Saúde Publica**. Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, jul. 2006.

CROCETTI, Michael. BARONE, Michael , A.Oski Fundamentos de Pediatria. IN WILSON, Diane, Michele. **Gestação e contracepção na adolescência**. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan. 2007, .p 191 a 193

COSTA, Rosely Gomes Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis, v.10, n.2, jul./dez. 2002.

CZERESNIA, D; FREITAS ,C.M . (org). Promoção da Saúde : conceitos, reflexões , tendências. In: AYRES, J. R. C. [et al]. **O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios**. Rio de Janeiro: Fiocruz , 2003, p 117- 13

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa: aportes metodológicos**. Campinas, SP: Papyrus ,2004, 135 p.

DESSEN, M.A.; BRAZ, P.M. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Rev. Psicologia: teoria e pesquisa**. v.16, n.3, set./dez.,2000.

DEVREUX , Anne Marie. **La paternité en France**, entre égalisation des droits parentaux et luttas liées aux rapports sociaux de sexe. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n. 3 set. 2006.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Tradução Leandro Konder 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira ,1982.

FOLHA DE S. PAULO. Em 20 anos, a Aids já matou 22 milhões. São Paulo, 5 de junho, 2001.

FALCÃO, Deusivânia da Silva ;RIBEIRO, Salomão; RIBEIRO, Maria Nádia. O papel dos avós na maternidade adolescente. **Revista Estudos de psicologia**, Campinas, p. 202-212, abr./jun. 2005.

FAUSTINI, T.M.D et al . Programa de orientação desenvolvido com adolescentes em centro de saúde: conhecimentos adquiridos sobre os temas abordados por uma equipe multidisciplinar. **Revista Ciência. saúde coletiva** v.8 n.3. Rio de Janeiro, 2003.

FELIZARI, G.M.C. Enfermagem escolar e educação sexual para adolescentes. **Rev. Gaúcha. Enfermagem**, v. 11, n. 2, p.12-9, jul. 1990.

FERREIRA [et al]. Saberes de adolescentes: estilo de vida e cuidado à saúde. **Revista Texto contexto Enfermagem**. Florianópolis, v.16, n.2, abr /jun. 2007.

FREITAS, W. M. F et al. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v 23, n 1. p.137- 145, 2007. Disponível em : <[http:// www.scielo.br/pdf/csp](http://www.scielo.br/pdf/csp)> Acesso em : 26/ 02/2007.

FILHO, Bosco, João. **Papai é Gay.** Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/~marko/firstp.html>> Acesso em 21. nov. 2007.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Brasília, v.20, n.2, mai./ago, 2004.

GUIDDNES. Feminino e Masculino: Repercussões na saúde dos adolescentes. In : RAMOS [et al] (org). Projeto Acolher: **Um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro.** Brasília – DF ABEn/ Governo Federal, 2000, p. 196.

GONÇALVES, S. Célia. Maria da. O uso da metodologia qualitativa na construção do conhecimento científico. **Revista ciência e cognição.** Brasília , DF , v 10, p . 199-203, 2007. Disponível em : <http://www.cienciasecognição.org/> Acesso em 04. abril. 2008

GONÇALVES, H. Knauth.R.D. Aproveitar a vida, juventude e gravidez. **Revista de Antropologia.** rev. v.49, n.2. São Paulo, jul./dez. 2006.

GORBISIER, Matheus Tiago. O discurso adolescente numa sociedade na virada do século. **Revista de Psicologia - USP.** São Paulo, v,14, n, 1. p.1, abri. 2003.

GUIMARÃES, B. E. Gravidez na adolescência: fatores de risco. In: SAITO, Maria Ignez; SILVA Eduardo Vargas da. **Adolescência: Prevenção e Risco.** São Paulo: Atheneu, 2001. cap. 28. p. 295-296.

GOMES, Romeu. Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. **Revista Ciência. saúde coletiva.** v.8 n .3. Rio de Janeiro, 2003.

HEILBORN et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Revista Horizontes Antropológicos** - Porto Alegre, v 8, n 17,p. 13-45 , jun. 2002. Disponível em : < <http://www.scielo.br/pdf/pdf/ha/>>.

HOFFMANN, Christian. The authority and the father issue. **Estudos em Teoria Psicanalítica:** agora. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1-7, jul./dez. 2006.

IBGE. **Censo demográfico** 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acessado em: 21 nov. 2007.

KNOBEL, M; Aberrastury A. **Adolescência Normal:** um enfoque psicanalítico..Porto Alegre: Artes Medicas, 1981. cap 2. p. 25-58

LEAL, M.M; SILVA, L. E. V. **Crescimento e desenvolvimento puberal.** In: SAITO, M. SILVA, L. E. V. (org). Adolescência: prevenção e risco. São Paulo: Atheneu, 2001. cap. 5, p. 41-58.

LEVANDOWSKI, D.C. Paternidade na adolescência uma breve revisão da literatura internacional. **Estudos de Psicologia** . Porto Alegre: v 6. n 2 p . 195- 209. jul dez. 2001. Disponível em : <[http// www.sciello.com.br](http://www.sciello.com.br)>. Acesso em 15 fev..2007.

LEVANDOWSKI, D.C.A. PICCININI, A. C. A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos .**Revista de Psicologia: reflexão e Crítica**, Porto Alegre: v 15. n 2 .p. 413- 424.2002. Disponível em : <[http// www.sciello.com.br](http://www.sciello.com.br)>. Acesso em 30/ 08 /2007.

LIMA, Indiara Campos. **Gravidez na adolescência: atitudes e responsabilidade paterna**. 2002, 151p. Dissertação (Mestrado) Saúde Coletiva. Departamento de Saúde. Universidade Estadual de Feira de Santana - Bahia.

LYRA, J. MEDRADO, B. A adolescência desprevenida e a paternidade na adolescência : uma abordagem geracional e de gênero . **Caderno juventude , saúde e desenvolvimento**.Brasília , v 1.p.303. 1999. Disponível em : <[http// <www.bireme.com.br](http://www.bireme.com.br)> . Acesso em : 6 out. 2007.

LYRA da FONSECA,J.L.C. Paternidade adolescente : uma proposta de intervenção 1997.Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)- Pontifícia Universidade católica (PUC) . São Paulo: 1997, p. 50 á 65.

LYRA et al. **A gente não pode fazer nada,só podemos decidir sabor de sorvete: Adolescentes de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos**. **Caderno. CEDES**. v.22, n.57, Campinas. Ago.2002.

MALDONADO, Maria Tereza. **Psicologia da gravidez: parto e puerpério**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 1997. p. 26.

MARCONDES, Eduardo;Vaz,Flavio.A. C. et al.Pediatria básica: Pediatria Geral e Neonatal. In: Colli, S. A. **Conceito de Adolescência**. São Paulo: Sarvier 2003. cap.7. p. 655.

MANDÚ,T.N.E. Adolescência: saúde, sexualidade e reprodução. **Revista Adolescer**, Brasília. p. 59-61, 2001.

MANDU, T.N.E. Gravidez na adolescência: um problema? **Projeto Acolher** : um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília: Ministério da Saúde p. 95- 97 , 2000.

MATHEUS,Gorbisier,Tiago.O discurso adolescente numa sociedade na virada do século.**Revista de Psicologia USP**.São Paulo,v,14, n, 1.p.1,2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em Saúde** . 2. ed.São Paulo:A brasco Hucitec, 1993. p. 126- 127.

MOSER, M.A.; REGGIANNI, C.; URBANETZ, U. Comportamento sexual de risco entre estudantes universitárias dos cursos de ciências da saúde. **Rev. Associação Médica Brasileira**. v.3, n.2, mar./abr. 2007.

NARVAZ, Giudue Marta; KOLLER, Helena Silvia. Famílias e Patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Revista de Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre, v 18, n. 1, p.2, jan/abr. 2006

OPS: Organização Pan-Americana de Saúde. **Saúde reprodutiva**: manual de medicina da adolescência. Washington. D. C. Oficina Sanitária e Pan-Americana. 1992. cap. 12. p. 473-518.

OZELLA, Sergio. Adolescência: uma perspectiva crítica. Brasília: **Conselho Federal de Psicologia**, p.21.2002.

PAIVA, A.S. Perfil psico-social da gravidez na adolescência. In: Monteiro, D.L.M. CUNHA, A.A. BASTOS, A.C. **Gravidez na Adolescência**. Rio de Janeiro: Revinter, 1998. p. 1-30.

PAIVA, Vera; PERES, Camila; BLESSA, Cely. Jovens e adolescentes em tempos de AIDS: reflexões sobre uma década de trabalho de prevenção. **Revista de Psicologia - USP**, São Paulo, v.13, n.1.p 2, janeiro 2002.

PASSOS, Maria Consuêlo. Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família. **Revista de Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v.17, n.2, p. 00, fev. 2005.

PETTENGIL, M.A.M, ANGELO, M. Vulnerabilidade da família : Desenvolvimento do Conceito. *Revista Latino – Americana de Enfermagem - USP*, São Paulo, nov./dez, 2005. p.983-987.

PORTO, Arlindo. **Estatuto da criança e do adolescente**. 5. ed. Brasília: Senado Federal, 2002. p.14.

RAMINELLI, Ronald. Eva. Tupinambá. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das Mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 12-13.

RAMIRES V.R.R. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997

RESENDE, A. L. M. de & Alonso, I. L. K. (1995). O perfil do pai cuidador. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, 5(1/2), 66-81
REZENDE, Jorge de. **Obstetrícia**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 1565.

- ROMENO [et al]. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. **Revista Associação Médica do Brasil**. São Paulo, v. 53,n.1, jan./fev.2007..
- SCOTT,J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade, Porto Alegre , v. 20, p.71- 79, 1995.
- SAMARA, M. Eni de. O que mudou na família brasileira ? (Da colônia à atualidade) **Revista de Psicologia**. São Paulo , USP v.13n.2. 2002.
- SAITO, Maria Ignez; SILVA, Luiz Eduardo Vargas da. **Adolescência**: Prevenção e Risco. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 121.
- SAITO, Maria Ignez. Adolescência, cultura, vulnerabilidade e risco. Disponível em: <[http:// www.sciello.com.br](http://www.sciello.com.br)> . Acesso em: 08 set. 2006.
- SARMENTO, R. Paternidade na adolescência . In: SAITO, M.I. SILVA, L.EV. (org). **Adolescência** : prevenção e risco. São Paulo: Atheneu, 2001.p. 3007- 320.
- SILVA, J. L. P. A gravidez na adolescência: uma visão multidisciplinar. In : SAITO, M.I.SILVA, L.E.V.(org). **Adolescência**: prevenção e risco. São Paulo: Atheneu, 2001.p. 299-306.
- SILVA, Lúcia; TONETE, Pamplona; VERA, Lucia. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**.Ribeirão Preto, v 14, n 2, mar/ Abri 2006.
- SILVA, M. C.; PEREIRA, C. R. Dossiê Paternidade e cidadania: nem só de pão vive o homem. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v.21,n.3, p.6-7, set/ dez 2006
- STEVE, Biddulph. **Criando Meninos**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2002. p.110 -118.
- SIMONETTI, Cecília. Adolescência Hoje. **Boletim Ecos**, São Paulo, v.8, n.3. p.2. 2003.
- SOUZA, F Ivana. Gravidez na adolescência: uma questão social. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 1, nov. 2002.
- SOUZA,et al. Aborto entre adolescentes. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v.9, n.2, p.2, mar /abr. 2001.
- SOUZA , et al . Epidemiologia do Abortamento na Adolescência . **Revista Brasileira. Ginecologia. Obstetricia**. v.21 n.3 Rio de Janeiro abr. 1999

SILVEIRA, P .O Exercício da paternidade . Porto Alegre: Artes médicas ,1998. cap .2.p. 27 - 40.

STOEBER, S. Isa. Tá faltando ele. **Revista Viver Psicologia**, Disponível em:< [http:// www.apase.org.br](http://www.apase.org.br)>. Acesso em: 10 nov. 2007.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 17. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 1991. 407p.

THURLER, Ana Liési . Outros horizontes para a paternidade brasileira no século XXI. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v.21, n.3, p. 00, set./dez , 2006.

TRINDADE, A. Zeidi; MENANDRO, S. C. M. Pais adolescentes: Vivência e significação. **Estudos de psicologia**. Espírito Santo, p.16, 2002.

UNBEHAUM, Sandra et Al Gravidez de adolescentes entre 10 e 14 anos e vulnerabilidade social. **Ecos**. São Paulo. v.9, n.2, p.2. . 2001.

VIEIRA, M. E, et al. Alguns aspectos do comportamento sexual e pratica do sexo seguro em homens do município de São Paulo. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v 16, n 4, p.997-1009, out- dez , 2000.

VILLELA, W. V. DORETO, D.T. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cadernos de Saúde Publica** . Rio de Janeiro, v 22, n 11, p.2469.-2470 - nov 2006.

WAGNER , Adriana; *Falcke , Denise ; Meza, D , B , Eliane .Crenças e valores dos adolescentes acerca de família , casamento , separação e projetos de vida. Revista Psicologia. Reflexão e Critica.*v.10 n.1, Porto Alegre, 1997.

WILSON, Diane; Michele. Gestação e contracepção na adolescência In: CROCETTI, Michael; BARONE, Michael; A. **Oski. Fundamentos de Pediatria**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. p.191-193.

World Health Organization. Meeting on Pregnancy and Abortion. In:___ **Adolescence**. Geneva, 1974. *Report*. Geneva, 1975. (Who Technical Report Series, 583).

YAMADA [et al]. A vivência do pai no processo de reabilitação da criança com deficiência auditiva. **Revista Estudos de Psicologia**. Campinas, v 23, n. 3, jul/ set. 2006.

ANEXOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, profa.. Elaine Ribeiro de Paula, Do Centro Universitário de Patos de Minas –UNIPAM, faço mestrado na Universidade de Franca, em Franca, SP e estou desenvolvendo a uma pesquisa que tem como título Paternidade na Adolescência: significados e conseqüências entre os jovens do meio acadêmico – onde discuto essa questão e o que ela representa para esses jovens graduandos.

Para realizar a pesquisa,farei entrevista estabelece uma relação de confiança mutua entre o entrevistado e o entrevistador.

Asseguro que esta pesquisa não representa riscos ou gerará desconfortos para seus participantes, ela visa à compreensão de questões sobre a paternidade na adolescência, favorecendo, num futuro próximo, meios educativos a este grupo.

Necessito do seu consentimento para a realização de entrevistas e para divulgação dos dados levantados a partir dos nossos encontros, garantindo que seu nome e identidade permaneceram em sigilo.

Informo que a participação é voluntária, não gerando custos e nem pagamentos.

Termo de consentimento

Eu, _____, fui informado dos objetivos, procedimentos, riscos e benefícios desta pesquisa descritos acima.

Entendo que terei garantia de que apenas os dados gerais serão divulgados, e que o anonimato será mantido. Entendo também que tenho direito a receber informações adicionais sobre o estudo a qualquer momento, mantendo contato com o pesquisador.

Fui informado ainda, que a participação é voluntária e que se eu preferir não participar ou deixar de participar deste estudo a qualquer momento, isso Não me acarretará qualquer tipo de penalidade. Tanto pessoal como estudantil.

Compreendo tudo o que me foi explicado sobre o estudo a que se refere este documento, e aceito participar do mesmo.

Data

/ / .